ADMINISTRAÇÃO

Diretor
Sylvia de Leon Chalreo

Gerente
Durval Alvarez Serra

Redator-Chefe
Dias da Costa

Secretária
Maura de Sena Pereira

REDAÇÃO
Rua Lavradio, 55 - Sala 12
Rio de Janeiro

ENDEREÇO
Caixa Postal 2013
Telegrama ELP
Rio de Janeiro

OFICINA
"Vida Turfista"
Rua Sacadura Cabral, 183
Rio de Janeiro

PREÇO
Cr$ 2,00
Número atrazado: Cr$ 3,00

ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

SUMARIO

NUMERO 11 DEZEMBRO - 1945

A CARTA DE UM AMIGO CATÓLICO

Sua irritação é justificavel. Diz você: "Envergonha-me que alguns jesuitas e alguns católicos usem linguagem tão absurda contra os comunistas, enquanto êstes se mantêm numa serenidade digna. Envergonha-me porque a Igreja não é privilégio de alguns jesuitas e de alguns católicos intolerantes. Envergonha-me porque a maioria dos católicos considera com muito respeito os comunistas, conhece-lhes o sacrifício, a bravura e o seu amor à liberdade. Conhece, sobretudo, a sua dedicação ao povo. Irrito-me porque sou católico, creio em Deus e isto em nada me impede de me unir aos comunistas para libertar o Brasil do atrazo em que se acha e tudo fazer para dar ao povo um pouco mais de pão, de roupa, de felicidade. Isto não é pecado, é virtude e santa virtude, virtude inspirada em Deus".

Assim me escreveu um amigo — grandes são as suas palavras, grande é a sua fé em Deus. A sua compreensão da conduta, da atuação dos comunistas é exemplar. Os católicos do mundo inteiro estão compreendendo isto mesmo. Foi na Espanha que melhor se viu a união de comunistas e religiosos na luta contra o fascismo. Nesta guerra essa união foi um fator de vitória. Agora essa união se torna maior, é um fator de paz.

No Brasil, os católicos sempre lutaram pela liberdade, sempre compreenderam que o povo precisa de coisas práticas e simples como escolas, estradas, hospitais, postos de higiêne, casas, alimentação, roupas e calçados, luz elétrica nas vilas e povoados. Precisa acabar com a tragédia da mortalidade infantil. Precisa deixar de morrer entre vinte e trinta anos.

Os comunistas do Brasil, como os católicos do Brasil, são o povo do Brasil. São filhos dos mesmos sofrimentos e vivem das mesmas esperanças por dias melhores.

A intriga e a infâmia não desunirão os amigos — católicos e comunistas. Não dividirão mais o povo. A religião, sendo de Deus, serve o povo, que é, segundo os religiosos, uma criação de Deus.

Ninguem poderá romper essa poderosa camaradagem democrática, companheiro católico!

DALCIDIO JURANDIR

Comicio Popular

Desenho de Paulo Werneck

DEMOCRACIA

O povo decidiu o caminho democrático que o Brasil está trilhando. Declarou guerra ao eixo, realizou a gloriosa F.E.B., venceu nos campos de batalha da Europa, conquistou a anistia, para os presos políticos, a legalidade do Partido Comunista do Brasil, a liberdade de imprensa, a Constituinte, a dissolução do Tribunal de Segurança Nacional, a derrubada do famoso 177 opressor do funcionalismo, e elegeu seus candidatos em eleições livres e honestas para a Presidência da República e Assembléia Constituinte. ESFERA, revista de cultura e profundamente anti-fascista se congratula com o proletariado e o povo, organizados em seus Partidos Políticos e seus sindicatos na luta pela Democracia e pelo Brasil.

A ARTE E O POVO • QUIRINO CAMPOFIORITO

Já uma vez escrevemos sobre a necessidade da Arte atingir uma suficiente divulgação popular, afim de se poder fazer realidade na cultura de uma Nação.

Sem essa necessária penetração na curiosidade do povo, a Arte se torna atividade extranha ao interesse comum, enquistando-se numa elite caprichosa, como artigo raro de importação, sem jamais se tornar um espelho da alma e das cousas que realmente extruturam uma Nação.

Importa essa divulgação popular em duas ações distintas:

a) Levar, quanto possivel, ao povo, a existência da Arte, fazendo conhecidos os artistas e sua obra;

b) Favorecer sem restrições a preparação profissional artística, afim de que essa não fique restrita a poucos individuos favorecidos por circunstâncias que agora não interessa enumerar.

Levando ao povo os benefícios da Arte, atua-se sobre a sua cultura intelectual e aprimoramento de sentimentos.

A segunda ação cria numerosas e preciosas antenas de percepção popular, condensando com a seleção do tempo, os mais disfarçados instintos de uma comunidade. Do que podemos concluir que antes de qualidade, ha uma necessidade de quantidade.

Naturalmente subentende-se quantidade dentro dos princípios puros da Arte.

E quais serão os princípios puros da Arte? — Sinceridade e Emoção. Ninguem negará que sem ambiente jamais se favorecerá a formação de grandes nomes para a Arte. E ambiente é impossivel realizar sem a quantidade necessária, que sempre muito extravasa a ambição estreita de uma falsa elite.

Exemplifiquemos. Tivemos já, no Brasil, uma falsa elite artístico-plástica. Citemos Vitor Meireles, Pedro Américo e Almeida Junior, frutos da Missão Francesa, o elemento mais extranho que poderia ter perturbado a evolução das nossas artes plásticas, que vagarosamente já se havia iniciado mediocremente, reconhecemos, mas com uma aclimatação racional, pelos pintores e escultores estrangeiros que aos poucos aportavam ao nosso país, e pelos nacionais que lutavam contra as asperezas do meio. Assim a Arte evoluia sobre terreno conquistado com segurança e sem surprezas e facilidades.

Sabemos bem quanto esta nossa exemplificação pode irritar áqueles que têm sobre este assunto um ponto de vista totalmente oposto. Não poderão jamais convencer-se que, por exemplo, Pedro Américo, Rodolfo e Henrique Bernardelli, Vitor Meirelles e Rodolfo Amoedo, c o n q u a n t o, particularmente representem valores artísticos, são no entanto com relação à Arte brasileira, valores falsos. Pintores e escultores de raros méritos, sim, mas totalmente extranhos à terra.

Logicamente não são frutos do ambiente que os viu nascer, ou onde viram desenvolver-se as suas faculdades, como no caso dos irmãos Bernardelli. Por isto longe estão de representar sínteses de evolução nacional.

São antes o reflexo de uma elite tambem extranha à realidade ambiente.

Aos que pensam que hoje em dia nos faltam valores, pode-se afirmar que atingiu a arte, entre nós, uma expressão muito mais sincera. Mais sincera e mais valiosa porque se está temperando no contáto com a realidade da terra e quer ser mais, muito mais, que uma permanente alegoria a expressões européias. David ou Cabanel ou mesmo Jean Paul Laurent.

E' verdade que há ainda, nas nossas artes plásticas, o ensinamento europeu. Não ha razão, propriamente, para desprezá-lo. Mas há presentemente uma liberdade que permite ao artista no Brasil, a possibilidade adoravel de estimar a terra em que vive, assim como a Natureza lh'a oferece, e ouví-la e cantar-lhe amores.

Oh! liberdade sublime que deixa o artista transportar para a sua obra, a sinceridade das suas emoções, sem o veneno fatal de preocupações extranhas à arte que são sempre o recurso da mediocridade.

Convem recordar aqui umas palavras cheias de sabedoria, devidas ao compositor russo Dimitri Shostakovitch, quando há anos passados, falou aos trabalhadores da Arte:

— "A condição indispensavel do êxito dos nossos trabalhadores intelectuais, grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos, repousa nos laços indissoluveis que nos irmanam com o nosso povo. Nenhum artista pode criar algo de significativo isolando-se do seu povo, escondendo-se na sua torre de marfim. O artista que se divorcia do povo; dos pensamentos e aspirações do povo; o artista que foge da realidade e procura ignorar este momento da humanidade, estará inevitavelmente condenado à esterilidade e a uma miseravel existência. Porque o artista morre como artista quando se transforma num introvertido. Sobre nós, trabalhadores intelectuais, filhos de um povo que nos criou e alimentou, recaem deveres cuja dimensão integral devemos abarcar".

SEMPRE SOLDADOS!

CONTINUAM A LUTAR OS EX-COMBATENTES

Voltam os expedicionários brasileiros duma árdua luta contra as hordas nazi-fascistas que, semearam, durante seis anos, o terror e a opressão entre os povos sofredores da velha Europa. Ostentando as medalhas sobre o peito, de passo firme e fisionomia serena, sómente, dos que trazem consigo a certeza do dever cumprido, desfilaram os nossos herois, pelas avenidas engalanadas, entre os estrépitosos aplausos do povo brasileiro. Que experiência traziam eles daquelas terras longíquas, tão assoladas pela guerra? Que emoções teriam experimentado ao ver o Brasil? Quais seriam os seus planos para o futuro? Procurando responder a essas interrogações, a reportagem de ESFERA visitou a Associação do Ex-Combatente em sua séde provisória, à Av. Augusto Severo n.º 4, onde entreteve amavel palestra com os expedicionários dirigentes daquela entidade.

O QUE É A ASSOCIAÇÃO DO EX-COMBATENTE

Um punhado de jovens combatentes, no front italiano, ainda sob o fragor das batalhas, pensou em organizar uma Associação, cujo objetivo fosse o de manter vivo o espírito de fraternidade entre todos os combatentes, unindo-os na paz, como na guerra. A Associação, que mais tarde veio chamar-se *Associação do ex-Combatente*, congregaria todos os combatentes de terra, mar e ar que tivessem participado da segunda guerra mundial, e pugnaria por todos os direitos de seus associados e proporcionaria a mais larga assistência aos feridos e mutilados de guerra, evitando-lhes que mais tarde, viessem estender a mão à caridade pública. A idéia nasceu do "pracinha" e tomou corpo em toda a FEB, tendo a mais simpática adesão dos combatentes brasileiros na Italia. Os expedicionários Hilton Lobato, Celso Teixeira e Kardec Lemme -- precursores da Associação -- deram, então os primeiros passos no sentido da elaboração dos princípios básicos que definissem a entidade dos ex-combatentes. Reuniões foram feitas, dentro dum ambiente de sadio espírito democrático e medidas práticas foram tomadas para que, ao chegarem ao Brasil, pudessem organizar a Associação. A guerra, as incertezas e os sofrimentos comuns, vincularam os expedicionários, despertando-lhes uma conciência de unidade e companheirismo que jamais se extinguirá...

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO NA PALAVRA DOS EXPEDICIONÁRIOS

A Diretoria Provisória da Associação do Ex-Combatente, começava a reunir-se, quando dirigimos a palavra a um de seus componentes:

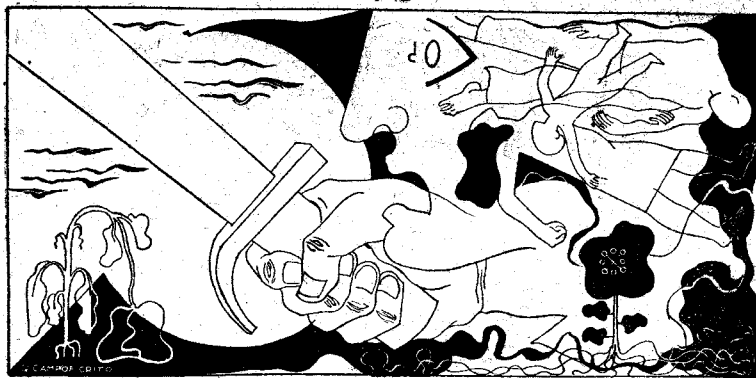
— Os que aqui estão — disse o expedicionário Manoel Saturnino Alves — são, em grande número, os iniciadores da Associação. Todos nós sentimos a necessidade de unirmo-

nos afim de manter vivo o espírito imortal dos ex-combatentes da maior guerra de libertação dos povos. A linha democrática da Associação, sem, entretanto, assumir posição partidária, vem patentear a decisão de que os ex-combatentes estão, em defender para o Brasil, os ideais de liberdade e democracia pelos os quais foram combater. Nossa experiência, fruto do convívio com as grandes civilizações, aliada à vontade de continuar a servir o nosso país, concorrerá, não só para orientar os nossos companheiros na consecução de seus direitos, mas, também, o povo brasileiro no sentido da conquista do progresso democrático de que é merecedor e do esclarecimento de que ainda precisa para marchar ao lado dos grandes povos organizados.

Os expedicionários, que iam falando por vez, prosseguiram o diálogo:

Logo que chegamos ao Brasil — declarou Kardec Lemme — procuramos reunir, sem perda de tempo, para tornar concreto o plano que havíamos imaginado na Itália. A Associação — sociedade do ex-combatente, pelo ex-combatente e para o ex-combatente — já realizou uma série de tarefas objetivas desde da sua fundação, tais como: um "show" no H. C. E. para os feridos e mutilados que se encontram naquele hospital, fazendo naquela ocasião uma farta distribuição de presentes e utilidades aos nossos companheiros mais atingidos pela guerra; do envio duma mensagem à Associação do Ex-Combatente da França, da qual foi portadora a capitã dra. Louise de Mont Reynaud, quando de sua visita ao Rio; uma exposição de "ricordi" de guerra, no bairro de Laranjeiras, da qual constaram de troféus, fotografias e objetos trazidos pelos "pracinhas" do campo da luta; a eleição da Diretoria e a elaboração de seus estatutos; uma grande reportagem feita pela BBC de Londres, que será retransmitida, oportunamente, por várias emissoras cariocas; visitas periódicas ao H. C. E para saber das necessidades dos expedicionários internados, sessões de cinema nas enfermarias, etc..

UM APELO

Disseram ainda os ex-combatentes brasileiros, alí reunidos, que, a Associação do Ex-Combatente pretende levar a efeito um grande plano de assistência a todos os ex-combatentes, do qual constam, entre outras, realizações: — a construção da Casa do Ex-Combatente, Asilo e Hospital para os que venham a carecer, na velhice, de assistência. Paralelamente a esse plano está a organização de várias Associações Regionais pelo interior do Brasil, as quais, já vão sendo formadas à medida que os ex-combatente seguem para os Estados. Delegados da Associação existem por todo país, pois, em cada lugar onde esteja o ex-combatente, estará um associado. Assim é que já estão em plena fase de realizações as associações de São Paulo (Associação do Ex-Pracinha da FEB), de Petrópolis e do Rio Grande do Sul. Porém, para que se torne viavel um plano de maiores proporções, mistér se faz a maior arregimentação dos ex-combatentes da FEB, FAB, Marinha de Guerra e Marinha Mercante de todo o Brasil, razão por que a Associação do Ex-Combatente faz um apêlo aos ex-combatentes dos Estados, no sentido de que se reunam, onde quer que se encontrem, constituindo-se em Associações Regionais. Tal apelo tem em vista os altos sentimentos de patriotismo e solidariedade humana da Associação, e a que, toda colaboração emprestada, só refletirá em benefício do ex-combatente e do povo brasileiro.

A ESPADA E A FLOR

Na mão, uma flôr nada mais vale.
A espada vale mais do que a mão,
do que a flôr, do que o corpo.

Levamos êste peso, êste aço cortante,
esta morte e mataremos.
Antes, mataremos
Para não morrer.

Nos olhos, a imagem de outros olhos
morreu. A imagem era da amada.
Na bôca, o nome de outra bôca
perdeu-se entre outros nomes
bárbaros. Tambem morreu.

Nos braços, apenas o peso das mãos,
das mãos antes leves hoje pesadas,
que levam a espada em lugar da flôr.

Mas a flôr, uma vez murcha,
cae ao solo e se transforma em humus
e renascerá. A espada, quebrada uma vez,
ficará na terra, imprestavel, perdida.
Lutemos com esta espada, até que venha o momento,
até que ela se quebre e se perca
para o renascimento da flôr,
presa no humus da terra.

Agora ha sangue. Mas o sangue
se transforma em humus e será flôr
Lutemos sôbre o sangue, sôbre as lágrimas
sôbre a flôr, sôbre cadáveres de nossos
pais, irmãos amigos parentes e inimigos,
para o renascimento da flôr, que será rubra
rubra como o sangue que hoje corre, como fogo,
como o céu incendiado do crepúsculo.
Rubra, mas veludosa e perfumada
como as manhãs.
Por essa flôr que será traço de união
abraço afetuoso e sinal dos tempos
e ponto final de incompreensões
lutemos. Poeta, lutemos!

CLEMENTE LUZ

O PRESTAMISTA

SERAFIN J. GARCIA

Na hora habitual, o velho Pedro fecha seu negócio, recolhe o dinheiro da caixa sebenta, e sentado junto à mesa desengonçada que serve de escritório, conta e reconta repetidas vezes com um prazer lento e doentio.

A avidez cruza de resplendores malignos os seus olhos cinzentos, míopes, sôbre os quais caem como trapos enrugados as pregas das pálbebras que ameaçam desfazer-se em fios sanguinolentos. Suas mãos que parecem ganchos se movem como aranhas entre as notas e moedas, classificando e agrupando pela ordem de valor com escrúpulo e minúcia.

Concluida a conferência repastela-se numa alta poltrona centenária, esfregando as mãos com satisfação e com o olhar fixo no têto começa a calcular os lucros.

Foi um dia verdadeiramente bom. Os penhores foram muitos e promissores. As vendas, produtivas em alto grau. Entre muitas de menor importância, destacam-se várias transações extraordinárias: uma máquina de escrever, uma bicicleta e um receptor de rádio, sobretudo, que deixaram perto de 200 % de lucro liquido.

O que se pode chamar um dia bom. Disposto a festejá-lo a seu modo, mete o polegar e o indicador em um dos bolsos do jaleco e apanha uma pitada de fumo de péssima qualidade, negro e horroroso, que põe na boca e começa a mastigar com ostensivo prazer.

E' o seu único vicio. Adquiriu-o na juventude quando malhava linguetas de ferro encandescente na bigorna, lá em sua longínqua aldeia meridional.

E' também a única coisa de lá que conserva. Tudo o mais, — família, costumes, tradições e lembranças — morreu para êle fazem muitíssimos anos. Deixou sua terra por mar quando fez a travessia do Atlântico, já com a febre da cobiça ressecando-lhe a alma. E nem siquer se recorda daquele céu profundo e impoluto, sob cuja cúpola azul corrêra sua infância travêssa, entre fruteiras e cabras; nem do bom cheiro bucólico daquelas terras aráveis, revolvidas e abertas, sôbre às quais um sol generoso amadurecia por igual as uvas e as maçãs do rosto das vindimadeiras; nem das pernas triguentas de Rosina, aquela jovem que era como a presença mesma da saúde e que em certa tarde sensual e dourada, cheirando a mosto, lhe fizera desfrutar o primeiro beijo de amor...

Para a sua mentalidade de prestamista, só uma coisa digna de interêsse existe no mundo — o dinheiro. Dêsde a insuportável aridez de seu sentido prático, julga que a única felicidade possivel reside na côr e no tinir do ouro.

Quarenta e cinco anos de America levam já o velho Pedro e durante êsse largo tempo tem levantado, níquel sôbre níquel, privação atraz de privação, uma massiça fòrtuna. Assim mesmo, continua mergulhado na sordidez do princípio, gastando o estritamente indispensável para subsistir. Sua sumaríssima alimentacão se reduz a algumas cebolas crúas, dois ou três pedaços de peixe frito e uma magra rabanada de pão. Aos domingos, meio copo de vinho com água. E quanto as suas roupas, não são mais do que um sujo montão de farrapos remendados.

Avarento até de seu coração e de seus instintos, nunca passaram pela sua vida mesquinha, amigos ou mulheres. Jamais foi visto em qualquer lugar de recreio. Seu mundo inteiro estava alí, atraz do mostrador carcomido, entre essa heterogênea confusão de objetos de todas as idades, de todas as procedências, encerrando o destino e a recordação, quem sabe? de quantos dramas anônimos.

Nêsse posto sombrio, imóvel e ao alcance da preza — como uma aranha pérfida em sua teia —, vive há quase meio século, o velho prestamista.

Sem deixar de mastigar o fumo, conta de novo o dinheiro. E logo que anota a cifra em um grosso caderno de folhas envelhecidas, com manchas de dedos imundos nas bordas e sujos de môscas nas capas arrebentadas, vai depositá-lo no cofre de ferro, cujo vetusto volume se ergue em um ângulo da sala.

Precisamente nêste instante, seus ouvidos que apesar dos anos se mantêm finos e sensíveis ao constante receio, percebem um rumor como passos furtivos que se aproximam. Volta rapidamente sobre os calcanhares, mas já é demasiado tarde. Um violento golpe na cabeça o faz tontear. Outro, atira-o de bruços no chão cujas taboas pôdres parecem reclamar o peso de seu corpo.

Nem siquer teve tempo de pedir socorro. O sangue que jorra da ferida se mistura com a salíva marron, copiosa e fétida que escorre pelas comissuras da bôca entreaberta.

Seguro então de sua impunidade, o ladrão se põe a esvasiar o cofre, tirando tudo, até o último vintem.

Quando o velho recupera o sentido, seu primeiro pensamento é para o dinheiro. Seus olhos giram de um lado para outro, procurando desesperadamente a caixa de ferro. Porém, tudo que vê é estranho e desconhecido. A enorme sala do Hospital lhe aparece como uma visão de pesadelo. E, com voz desgarrada põe-se a suplicar que o levem para o seu negócio. Fora dêle se sente fraco, indefeso, como um caracol despregado de sua carapaça. Pensa que se há de morrer é preciso que seja lá, entre a sordidez dos trastes familiares, atento à pilhagem noturna dos gatos no

sotão, ouvindo o zunido das môscas presas das teias de aranhas, respirando o bafio das paredes úmidas, dos arcaicos baús cobertos de môfo cinzento, das taboas onde os cupins vorazes se aninham e proliferam.

Se há de morrer que seja no pequeno quarto entulhado de quinquilharias, atraz do sujo mostrador cheio de números, junto da empoeirada pilha das cautelas de penhores, onde dormem quarenta e cinco anos de sua vida, gastos no isolamento, afastados de todo afeto, à margem de qualquer vibração solidária, de todo ideal compartilhado, da menor presença humana...

Tanto grita e esperneia, atirando ao ar lençóis e cobertores, que a enfermeira resolve chamar o médico da guarda. Êste, observa o doente por cima dos óculos, o ausculta rapidamente e prescreve uma injeção de morfina.

Os efeitos da droga o fazem submergir de novo no sonho. Porem agora, é um sonho doce e plácido, durante o qual resgata seu dinheiro e sua possilga. Encontra-se outra vez classificando moedas e bilhetes de banco, mastigando seu tabaco pestilento, vigiando com deleite o ar familiar da cava, enquanto, lá fora, na rua, desfilam o trabalho e a fome, o riso e a dor, o penar e a esperança. Alí, tão perto e contudo tão longe de seu coração indiferente.

Uma complicação imprevista o põe à beira da morte. Três dias de febre altíssima ressecam suas faces, afundam seus olhos cinzentos e arroxeiam suas rugas de trapo. O suor abre pacientes sulcos ao longo de sua pele embaciada. Suas mãos ganchudas se agitam como se quisessem afugentar os fantasmas do delírio. E de todo seu corpo exala um intoleravel cheiro de cova, de animal enfermo.

Acorda lúcido numa manhã. O anteparo que à noite puzeram entre o seu leito e os demais, anuncia brutalmente, sem eufemismos, que está no fim. Então, das zonas mais recônditas e ignoradas de seu ser sobe um furioso anhelo de apertar a mão de alguem, de ter junto a si um rosto solícito, uns olhos que o vejam partir, uma ternura animadora que o sustente no transe definitivo.

Pela primeira vez pensa no absurdo de sua existencia. Remotas e esquecidas visões voltam repentinamente à memoria, desalojando as cifras que a povoam. Vê-se pequeno e agil, correndo sobre a relva da herdade natal. Um tépido sol bonanchão doura as pestanas dos bois e se espelha nas grandes púpilas de úmido cristal. As mãos de seu pai, fortes e pacientes oficiam o rito augusto da semeadura. Sua mãe, com fortes braços desnudos até o cotovelo, o chama para oferecer uma taça de café fumegante e as gordas rabanadas do negro pão de centeio...

Agora é um inverno com as planícies cobertas de neve. Toda a família se aconchega em torno do lar, onde os lenhos resinosos crepitam alegremente. Pendurada nas vigas antigas defuma-se a carne de fibras roliças. Chega de longe o gemido medroso de algum cabrito. E uma manada de famintos lôbos uiva de instante a instante na montanha próxima.

Depois, uma oficina de ferreiro. D. Pascoal, o dono, o ensina a manejar o marrão e as tenazes. A dura canção do ferro ocupa e sepulta os dias, azues de gaz de hulha. Sopram foles asmáticos. A forja mete até aos pulmões seu alento abrazador. Das peludas axilas dos homens brotam rios salgados que serpenteiam no tiznado da péle. As mãos narram sua áspera história numa muda linguagem de calos e queimaduras...

E outra vez, na ansiada compensação dos domingos, na granja, com o céu aberto. Entre todas essas tardes de evasão, uma tarde. Entre a ressurreição de todas essas imagens, uma imagem. A tarde é dourada e cheira a seiva. A imagem irradia uma saúde desafiante. Rosina! Sob o olhar cúmplice de um sol lascivo, que volta de banhar-se no sangue dos lagares, sente aqueles lábios carnosos e sensuais fundirem-se com os seus, acendendo-lhe o corpo de secretos e misteriosos relâmpagos...

Rosina! Entre aquele beijo e esta cama de Hospital, uma grande cadeia de anos sem amor, frios e áridos. Toda uma vida roida pela febre ignobil, pelo dente mesquinho da avareza.

O velho sente um mêdo terrível de morrer sózinho. As reminiscências que acaba de ruminar não se conformam com a sua alma suja, nem êle mesmo sabe como ressurgiram. Precisa que um ser humano qualquer, o mais miserável, o mais vil, lhe traga a fraternidade feita sorriso, lágrima ou palavra. Necessita que uma criatura de carne e osso o assista morrer.

Ninguem o acode. Sua garganta não consegue siquer emitir algum som.

Pela alta janela que dá para a rua, para a vida, fugiu sorrindo a imagem de Rosina.

E as pálpebras de trapo se fecham sem testemunhas, na mais tremenda das solidões.

Vida cultural dos operarios na União Soviética

Com relação a vida cultural dos trabalhadores da U.R.S.S., qualquer visitante àquele país pode observar o seguinte: enquanto nos países capitalistas pululam em todos os bairros da cidade, tavernas, botequins, bares, onde o álcool é vendido a rôdo, na U.R.S.S. semelhantes lugares foram substituidos por livrarias, bibliotecas e pequenos museus culturais. Em todas as fábricas, ao lado das creches e escolas maternais, levantaram-se importantes construções modernas para os clubes operários de cultura.

O clube é o centro dos trabalhos de educação do sindicato. E' lá que se tratam as questões de instrução geral e política profissional, etc., é lá também onde se ensina música, canto, e outras materias de interesse cultural. Em 1925 os sindicatos geriam 3.500 clubes (60 % de todos os clubes da U.R.S.S.), agrupando um milhão de membros, isto é, 13 % de todos os sindicatos.

Em 1925 por 100 clubes havia em média 800 círculos: movimento profissional, política, literatura, instrução geral, música, canto coral, esporte, correspondência aos operários, organização do trabalho, propaganda cultural, biblioteca, melhoramento da vida, amadores de rádio, etc.

Cada círculo, em média, conta 28 a 30 pessoas. Sôbre cada 1.000 membros de clubes, mais de 500 trabalham em diferentes círculos.

Para as massas, os clubes organizam espetáculos, concertos, conferências, exposições, conversações familiares, jornais falados, julgamentos demonstrativos, sessões de cinema, etc. Em muitos clubes são organizadas sessões de juventude.

Outra obra de educação são as bibliotecas: os sindicatos crearam 6.800 bibliotecas, com 1.376.000 de assinantes e mais de 100 milhões de volumes. Organizam-se bibliotecas ambulantes para os campos.

Há também os "recantos vermelhos" que são as células dos clubes nas empresas. Reunem-se para ler jornais, conversar, agrupar-se em diferentes círculos. Em dezembro de 1925, contavam-se cêrca de 8.000 recantos vermelhos, e seu número aumentava rapidamente.

A educação física dos operários é uma das mais importantes secções do trabalho de educação dos sindicatos: cêrca de 140.000 de seus membros se exercitam nos círculos esportivos.

A situação dos operários agrícolas é igual à dos seus camaradas das usinas. Êles têm também um desenvolvimento cultural bastante elevado, pois, em cada sovkhoze, kolkhoze, existe um clube onde os trabalhadores do campo recebem de seus companheiros mais capacitados, instrução geral, política, técnica, etc.

A coletivização dos camponeses médios operou-se espontaneamente, sem que se verificasse a menor insubordinação contra a linha da política agrária em 1935.

Assim o nível cultural da nova geração proletária da U.R.S.S. é bastante elevado. Nunca mais hei de me esquecer das conversações que tive com os operários da juventude comunista nos clubes de Moscou, em 1935, nos intervalos das festas coletivas que assistí várias noites no T.R.A.M. (Teatro da Juventude Comunista), nos museus e nas RABFACS (escolas de fábricas). Para resumir, vou apenas contar o que se passou durante a exposição de pintura de Tarsila no Museu Moderno de Artes Ocidentais de Moscou. Anunciada pelos jornais a abertura da exposição, milhares de operários ocorreram a visitá-la. Até aí nada de particular. Mas, o fato curioso é que cada um dos operários escreveu num caderno especial que a administração do Museu colocou na sala da exposição, a crítica dos quadros e da técnica da artista, crítica esta tão profunda e justa que, se fossem publicadas aquí, espantariam os nossos mais reputados críticos de arte.

A juventude operária educada no regime socialista, apresenta um gráu de cultura extraordinariamente desenvolvido.

Em Leningrado, fui ver numa secção da academia de ciências, a exposição de livros aparecidos em 1931, exclusivamente de literatura proletária. Eram trabalhos literários da jovem geração operária das usinas, dos kolkhozes e dos sovkhozes.

Os temas se prendiam à vida das fábricas, à emulação socialista. Nada de tragédias e de romances de amor que embotam o espírito construtivo da mocidade nos paises capitalistas .A literatura proletária nasceu na União Soviética com as crianças de Outubro, com o Homem Novo, são e forte como o aço de suas usinas.

OSORIO CESAR

A LINGUAGEM DAS PAREDES

LIA CORREA DUTRA

Não sei se alguem já se lembrou de fazer a psicologia de uma cidade pelos escritos de suas paredes; se ainda não, é pena, porque se perdeu em vão um vasto material, capaz de esclarecer quanto à cultura, aos hábitos, ao civismo de uma população.

Durante quase dez anos, e até há bem poucos meses, era deprimente o aspecto dos muros e paredes do Rio de Janeiro, cobertos de palavrões e desenhos obcenos tôscas demonstrações de falta de educação moral e cívica, de pobreza de espírito, de descaso pelos problemas do mundo e pelas questões nacionais. O complexo de Edipo manifestava-se abertamente em cada construção de tijolos besuntada de cal, e o leitor do acaso, que passasse distraído, tinha diante dos olhos acusações, geralmente imotivadas, à sua inocente progenitora... Muita calúnia anônima e sem endorêço certo caiu, assim, sôbre as mais dignas, honestas e respeitáveis mães de família. Creio que é próprio das línguas latinas — e, entre elas, especialmente do Português e do Espanhol — insultar-se indiretamente os inimigos por meio de seus ascendentes diretos, do sexo feminino. Por mais negro que seja seu procedimento, costuma-se deixar de lado seus próprios defeitos, para se focalizar aleivosamente os êrros imaginários de sólidas matronas impolutas. Os muros da cidade constituiam verdadeiros repositórios de acusações dêsse gênero, além das dúvidas gratuitas sôbre o comportamento sexual de cada um. Nem tudo, no entanto, era imoralidade; havia ainda prognósticos quanto a resultados de futebol, e triunfos imodestos dos clubes vencedores. E alguns anúncios de remédios, o que já era outra coisa, reclame de negociantes espertos, que se serviam gratuitamente das paredes para fazer propaganda lesando o fisco. Nada, porém, quanto à situação de angústia em que vivia o povo, privado das liberdades mais elementares; nem queixas, nem protestos, nem esperanças. Pesada e árida conformidade, de que a única evasão pareciam os abjetos desenhos e as palavras pornográficas. Nos colégios, todo pedaço de giz servia para um desacato à moral. Na realidade, muitos muros da "cidade maravilhosa" eram verdadeiros ultrajes ao pudor. E isso, numa época de censura policial rigorosa, de opressão, quando os muros poderiam servir para protestos anônimos. Lembro-me ainda que, depois de 1935, algumas paredes bradavam o grito recalcado na garganta dos democratas honestos, asfixiados pela reação: "LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS". Eram tentativas individuais, isoladas, quase heróicas. As letras trêmulas, riscadas a mêdo, na calada da noite, com um pedaço de carvão ou um pouco de tinta, muitas vezes não conseguiam ser escritas até o fim, formar palavras inteiras, numa ponta de muro onde já havia inscrições de outra espécie. Cada letra daquelas representava um perigo, a perda do emprêgo, da liberdade, perseguições e torturas possíveis. Mas, no dia seguinte, a polícia política aparecia, riscava a reivindicação ou passava-lhe por cima uma demão de cal, deixando, naturalmente, incólumes, os desenhos sórdidos e os palavrões, traçados ao lado porque nêles não via perigo para "a segurança pública".

E houve ainda um tempo em que, mais obcenos do que os palavrões e os rabiscos, apareciam por todos os cantos os símbolos do sigma e da cruz swastica, ameaças à liberdade, à dignidade humana, ao patriotismo e ao bom senso dos brasileiros.

De repente, porém, êsses aspectos foram mudando. As paredes e os muros do Rio foram se redimindo de suas imundícies. Um banho de civismo caiu sôbre elas. O povo sufocado, sem poder falar, começou a escrever, durante à noite, nos muros, nas fachadas, nos monumentos, nos meios-fios, nos passeios, em letras cada vez maiores: "ANISTIA, ANISTIA, ANISTIA!". Essas palavras entravam pelos olhos, mas já estavam dentro do coração de todo o povo. ANISTIA! E de tanto a haver lido, o povo começou a murmurá-la. Sua insistência sempre renovada (era escrita tantas vezes, e em tantos lugares, que não havia esbirro da polícia em número suficiente para apagá-la na cidade inteira), encontrou éco em tôdas as bôcas. "ANISTIA!". E já não era um cochicho, era um pronunciamento; já não era uma sugestão, era um pedido, era um protesto, era uma ordem; e, em breve, era muito mais do que isso tudo; era um grito só, que começava no Leblon e ia acabar em Campo Grande, que descia dos morros e ia bater nas praias, que atravessava a cidade, de ponta a ponta, saído da boca de uma população unânime (havia, sem dúvida, os quinta-colunas, os fascistas, mas não é justo que eu os deixe de parte, quando falo na população decente de uma cidade limpa?). Parecia que um tinha começado, dito a primeira sílaba: "A...", enquanto outros prosseguiam, sucessivamente: "...nis"-"...ti"-"...a", como naquele célebre anúncio da "Lu...go...li...na" que o Rio

inteiro conhece. Era uma palavra que corria as ruas, que tomava conta da gente, que saía das janelas abertas, que corria nos veículos, que se respirava com o ar. Era um estandarte empunhado pelo povo que já estava aprendendo a se organizar e descobria, com certo espanto, a sua própria fôrça. E que acabou transformando-se em coisa concreta. Veio a Anistia.

Estava iniciada a grande campanha democrática que o povo desencadeara, servindo-se daquilo que realmente lhe pertence: a praça pública, as ruas, os muros da cidade. Os muros da cidade! Eis o verdadeiro jornal do povo, o jornal realmente democrático. As folhas diárias obedecem a orientações diversas, dependem de capitais diversos, defendem interesses aparentes e ocultos; mesmo as mais honestas, tomam deliberadamente partido, falseiam e deturpam notícias; o mesmo acontecimento em folhas de dois partidos opostos, apresenta-se de forma contraditória, ato louvável ou grossa imoralidade, segundo serve ou prejudica os planos do diretor. Mas as paredes não têm diretores, não pertencem a empresas, não obedecem a orientações partidárias. São de todos e de ninguem; munidos de um lápis, de um tôco de carvão ou de um pincel, nelas podemos estampar nossos pensamentos. Essa campanha modificou o aspecto do Rio de Janeiro. Nos muros, não há mais nem um lugarzinho para os nomes feios, para os desenhos indecorosos. Tudo foi ocupado pela propaganda política, pela onda de democracia que se desencadeou sôbre a cidade, sôbre a Nação. Quero crer que o mesmo esteja acontecendo em todos os recantos do Brasil. Cada muro, cada fachada, cada calçamento de pedra ou asfalto, cada páteo de cimento, cada batente de porta se transformou no jornal vivo em que o homem da multidão apresenta suas reivindicações. Não que eu concorde com tôdas as coisas alí escritas. Há quem ordene que se vote no General e há quem determine que se eleja o Brigadeiro, há quem diga que sem o primeiro o Brasil está perdido e há quem diga que só o segundo é capaz de salvar o Brasil; há quem queira o Sr. Getúlio, com ou sem Constituinte, há quem queira a Constituinte, com ou sem o Sr. Getúlio. São ordens contraditórias que o povo grita pela linguagem muda e expressiva das paredes de sua cidade. Não importa que sejam contraditórias, e que muitas delas nos pareçam disparatadas. Democracia é isso, essa liberdade de opinar e de lutar pacificamente pelas suas opiniões, respeitando, entretanto, as opiniões alheias. Não importa que muitos dêsses escritos nos indiquem que há muita gente enganada, que a reação tenta ainda assenhorear-se do povo; não importa, porque mesmo êsses êrros nos indicam que a cidade desperta, que a nação desperta. A Democracia, tentando seus primeiros passos de convalescente, tem o direito de tropeçar um pouquinho; no entanto, as fôrças lhe voltam, e ela parece disposta a caminhar sem desfalecimentos.

E que alívio, poder olhar para um muro rabiscado sem corar de vergonha! Que alívio, entrar numa sala de aula, e deparar, na pedra ou no roda-pé, letras escritas a giz ou carvão, que não se enfileiram para descompor ninguem, mas apenas para um "queremos" qualquer (que, na realidade, somos todos "queremistas", estamos todos querendo alguem ou alguma coisa: General ou Brigadeiro, Getúlio ou Constituinte).

Tenho visto muitos protestos por causa de ter aspecto novo, minha cidade! Dizem que andam sujando tuas ruas e teus monumentos. Mentira! Suja andavas outrora, com teus habitantes reprimidos, cidade sufocada e muda, sem vontade e sem opinião.

Nunca me pareceste tão bela (mau grado o que dizem aqueles que pretendem governar o pensamento, e que se instituem a si próprios, arbitrariamente, sem mandato de ninguem, os mentores do povo) como agora, com teus muros rabiscados, toda manchada de pixe ou tinta a óleo, clamando os desejos de teus habitantes.

E quando vejo, em tuas paredes, a palavra "CONSTITUINTE!" — "O POVO QUER A CONSTITUINTE", tenho a impressão de estar ouvindo a voz de minha própria conciência, o grito de meu próprio coração; a voz e o grito de um povo que começa, afinal, a compreender o que lhe falta e o que lhe convém.

UM BALLET SOBRE A ESPANHA EM CENÁRIO MOSCOVITA

VLADIMIR BURMEISTER
Mestre do ballet do Teatro
Stanislavsk - Danchenko, de Moscou.

(Moscou — Via Prewj, para "ESFERA").

Durante os últimos anos montei no Teatro de Opera e Ballet, que trabalho, 5 grandes espetáculos de baile: "Noite boa", "Straussiana", "As alegres comadres de Windsor", "Lola" e "Sua herança". Os 5 espetáculos são completamente diferentes entre si por seu estilo e pelo local da ação: o velho mundo fantástico dos contos orientais, a idade média inglesa, a Ucrânia de Gogol e Viena, na primavera. Levar a cena essas peças foi para mim, mestre de baile, um autêntico prazer. Porém, nunca experimentei prazer tão completo como o que devia proporcionar-me a representação de "Lola", ballet de tema espanhol que está sendo representado há cêrca de dois anos com um êxito invariável no palco do nosso teatro.

Recentemente apresentamo-la pela septuagésima vez. Há muito que sinto profunda paixão pelo baile espanhol. Herdei esta paixão de meu mestre, o grande bailarino russo Kasiàn Goleizovski, grande conhecedor e ardente enamorado da coreografia espanhola. Os bailes espanhóis, da mesma forma que a música espanhola, impõem-se pelo seu temperamento e originalidade. Para a imaginação do mestre de baile constituem uma fonte inesgotavel. Como artista interpretei muitas danças espanholas e ainda atualmente acompanho a interpretação pessoal como diretor de cena. Em minha modesta obra existem vários números de baile sôbre tema espanhol. Porém ao montar êsses números eu sonhava com algo mais profundo, algo que calasse mais na alma da Espanha.

A idéia de um grande ballet espanhol me seduzia, sem que nunca, antes da guerra, tivesse ocasião de dar-lhe corpo. E por fim, em 1942, em um momento difícil de nossa guerra patriótica, quando os alemães estavam ainda muito longe de Moscou, nosso teatro iniciou os ensaios do ballet "Lola". A ação deste ballet transcorre em princípios do século 19, nos montes do norte da Espanha, então ocupada pelas tropas napoleônicas. Seus protagonistas são guerrilheiros cuja luta pela liberdade e independência do país, contra um inimigo que também atentou contra a nossa própria pátria, nos pareceu sempre próxima e familiar.

Em 1942, esta proximidade pareceu-nos mais viva que nunca. Por isso todos nos empregamos a fundo nos ensaios de "Lola". O tema do ballet, seu romanticismo natural e sua frescura apaixonada, acabou por nos atrair.

1808. O povo espanhol se levanta contra o exército de Napoleão. Já soou o apelo do alcáide de Mostoles. Acaba de ser ateado o fogo da guerra popular. Quando começa a ação de "Lola" a guerra ainda não chegou a uma pequena aldeia, ao pé da montanha, e na praça da aldeia, em frente às paredes cinzentas do convento, realiza-se a festa dominical. A alma da festa é Lola, rapariga encantadora e valorosa. O moageiro Manuel, homem rico, corteja-a com insistência; porém ela sabe se esquivar das galanterias. Lola deu seu amor a outro homem: o pastor Paulo. Chega a praça Antonio, chefe de guerrilha. Os franceses estão próximos e a festa é interrompida. Antonio apela aos aldeãos para empunharem as armas que dispõem. Porém na aldeia a luta seria fatal para os homens mal armados. Todos os homens sobem para a montanha. Muitas mulheres — Lola entre elas — também abandonam a aldeia. Permanece na aldeia somente o moageiro. Os franceses facilmente fazem dêle um traidor. Êle levará por caminhos escondidos os franceses até o acampamento dos guerrilheiros. A guerrilha é surpreendida. Trava-se um duelo desigual. Lutam não somente os homens. Também as mulheres empunham gadanhos. Os franceses depois de sofrer muitas perdas recuam. Também, entre os guerrilheiros o número de baixas foi grande. A melhor amiga de Lola tombou na luta heróica. Lola decide vingar todos os que cairam: em uma jarra de vinho derrama veneno e desce da montanha para a aldeia. Na aldeia estacionam os franceses. Seu comandante repara na beleza de Lola. Passa a cortejá-la. Lola lhe oferece um copo de vinho. O capitão não aceita: "Bebe primeiro", diz-lhe. Lola sem a menor vacilação enche o copo e bebe. O capitão segue o seu exemplo. Morre envenenada, porém, o inimigo, invasor, morre também.

Tal é, em traços largos, o assunto de "Lola". Assunto, como se pode ver, muito complicado, porém com toda a dificuldade para

nós, russos, foi levada a cena. Mas, a julgar pelos comentários dos espectadores e pelas opiniões emitidas pela crítica, parece que conseguimos nossa finalidade. Como disse anteriormente, começamos a trabalhar na peça, em meados de 1942, quando os aviões alemães tentavam bombardear nossa capital com frequência. Mais de uma vez o sinal de alarme aéreo interrompeu nosso trabalho. Nossas bailarinas subiam para o terraco do teatro e ocupavam os lugares determinados como membros de sua defesa. Em seguida, passado o alarme, voltávamos ao palco e então a batalha nas montanhas espanholas dava-nos a impressão de fazer parte integrante dos combates nas cercanias de Moscou.

Ao falar do êxito de "Lola", é necessário também salientar a beleza da sua música. Um famoso músico soviético, Sergio Vasilenko, aproveitou para partitura as melodias dos popularíssimos compositores espanhóis Albeni, Granados, Laparra, etc.

Passo agora a referir-me ao meu trabalho pessoal, como mestre de baile, em "Lola". Em nenhum momento me propus a cópia literal das danças espanholas. O principal era crear um espetáculo heróico, patriótico, transmitir através da coreografia a alma insubornavel do povo espanhol, seu entranhado amor à liberdade, seu valor. Ao mesmo tempo era necessário crear uma época distante da nossa e certos costumes, sem falar já nos bailes, não menos afastados de nós. Antes de passar ao cenário, com a partitura de "Lola", tivemos que estudar profundamente o carater, a vida e a arte da Espanha. Salvo o músico Vasilenko, nenhum dos artistas que participou da representação, jamais teve ocasião de visitar a Espanha. Contudo, parece que nossos estudos a êsse respeito produziram seus resultados. Pode-se afirmar que todos os espanhóis que vivem em Moscou desfilaram por nosso teatro para ver "Lola". Alguns falaram-nos. Afirmaram que o que viram no palco do teatro era exatamente a Espanha. Para mim, pessoalmente, foi êste o maior dos elogios. Foram também feitas algumas observações práticas, mas que em nada se relacionam com as questões de detalhe. Mereceram a nossa inteira consideração.

Atualmente "Lola" é um dos espetáculos preferidos pelo espectador moscovita. Com essa peça não termina o nosso trabalho no domínio do baile espanhol. Agora estou levando à cena bailes de uma comédia espanhola de Lope de Vega, que deve estrear na próxima temporada do Teatro Central do Exército Vermelho.

Quero dizer, para concluir estas notas, que a música e os bailes espanhóis, como toda a arte da Espanha em geral, são extraordinariamente apreciados na União Soviética. Não é por casualidade que, no próximo espetáculo do nosso teatro — "Bodas de Fígaro" — levaremos novamente o espectador soviético até os Pirineus.

A EXPOSIÇÃO FRANCESA

SIMONE

Depois de uma guerra sem paralelo na História dos Povos, para nós, brasileiros, que sempre soubemos amar a França, esta grande Exposição que se realizou no Ministério da Educação, é uma espécie de alento que tem um sentido muito profundo de prova à vida.

Quem de nós, não encontrou sempre os devaneios de sua sensibilidade, os anseios de cultura e de beleza nessa grande terra, nêsse povo fabuloso? A nossa vida cultural não foi sempre um grande laço, uma forte tendência e uma cimentada vibração com essa língua, essa literatura e essa formação espiritual? Pois, bem, estamos constatando hoje, ainda, a nossa França, nêsse mundo impar que ela soube crear para a arte do Século XX. E isso é bem certo. Aquí estão aqueles *mais velhos* que dirigem a nossa evolução artística, e continuam como dantes, a dominar as artes de nosso tempo. Rouault, Matisse, Braque, Dufy, André Lhote, Gromaire, todos sobrevivem e é essa sobrevivência que nos convoca diante do imutável que sua arte soube realizar antes da grande catastrófe, a que fomos submetidos. Entre êles, como Francês, sendo Universal, Picasso que parece ter vivido pelas batalhas em que não foi derrotado nos campos da guerra espanhola. E' Picasso quem mais atráe ao mundo artístico do Brasil, não porque êle tenha realizado qualquer nova revolução plástica. Ao contrário. Picasso tem caminhado para um simplismo de matéria e de complicada expressão temática. Continua usando os mesmos métodos, a mesma linguagem quase sempre inacessível ao povo. Fala sem ser compreendido. Sua pintura caminha ainda mais para uma tradução difícel. Mas o que sobreleva em Picasso é o significado de sua mensagem, é a resposta plástica em tempo de reação correspondendo a um comportamento humano O criador de Guernica que nunca soube enveredar num caminho plástico que significasse um encontro com a massa, presta contas em código, de sua nova luta, para os privilegiados que se contagiam ou interceptam as suas novas mensagens, atingindo ao que o homem deu como potencial na luta por essa massa — a sua ação política e militante.

Repito uma frase: Picasso saiu desta guerra como o combatente pelo mundo melhor.

A MULHER E O ESTATUTO DO P.C.B.

Lendo-se os estatutos do Partido Comunista do Brasil evidencia-se, imediatamente, a sua base unitária. Não é um partido de grupos masculinos e femininos ou de velhos e de jovens. Comporta a todos na mesma igualdade de condições, na mais ampla acolhida, porque vê em todos os democratas honestos e concientes, capacidade para conquistar o desenvolvimento cultural, econômico e político do país.

E' da cooperação de todos que depende o restabelecimento da democracia, a solidificação da amizade entre os povos, a extinção da exploração, o progresso das ciências, da cultura, da economia nacional e do fortalecimento unitário de todos os povos.

Nêsse raciocínio, as mulheres vêem no Partido Comunista brasilèiro, uma nova fase de vida, com as mais claras perspectivas.

Inspiradas na linha justa política traçada pelo partido da classe operária e do povo, elas encontraram o momento preciso para o seu trabalho tenaz contra as fôrças reacionárias, que procuram embargar a marcha do desenvolvimento do país.

* * *

No aspecto político a vida do Partido Comunista do Brasil é uma segurança para a democracia. Sua existência legal nos garante um clima de tranquilidade, que será defendido pelo povo, contra as tendências golpistas.

A política pacífica, firme e consequente, adotada pelo P. C. B., nos levará à solução dos problemas vitais do povo. Com a lei e todas as fôrças progressistas nacionais teremos a saída democrática e a reconstitucionalização que tanto idealizamos.

Essa é a linguagem das mulheres, porque essa não é apenas a linguagem dos comunistas, como a de todo o povo.

* * *

Sob o ponto de vista econômico, não é mais possível manter o país numa situação semi-feudal, sofrendo permanentemente os choques de fôrças produtivas com uma economia de cem anos atrás. O progresso nacional não pode paralizar pelo predomínio do capitalismo estrangeiro reacionário. Precisamos dar largos passos para a frente.

Essa é também a linguagem das mulheres, que querem ajudar a restauração econômica do Brasil.

Basta de pauperismo, de mazelas, de farrapos e de fome; basta de chôros fracos de crianças sub-nutridas, da falta de roupa, calçado, remédio e escolas; basta de salários exíguos, de plantio rotineiro nas roças, de desconforto absoluto nas fábricas e nos campos; basta de problemas de transporte, de filas intermináveis, que consomem as donas de casa, com os seus múltiplos afazeres.

As mulheres merecem uma vida mais feliz e mais humana, que acabe com essa realidade sofredora de há tantos anos...

Mas o Partido Comunista do Brasil está à frente de todos êsses problemas. Sua política garante a marcha para a solução de todos os pontos da vida dos brasileiros, progressivamente, porque é o partido de vanguarda da classe operária e do povo.

As mulheres comunistas sentem e aceitam a responsabilidade que seu partido lhes impõe, porque têm a obrigação de dirigir a massa operária e ajudar ao povo em geral a ter um regime de liberdade e democracia.

Cumpre-lhes a tarefa de acabarem com a substimação das atividades femininas na política e na economia nacionais. Combaterão os vícios de uma educação burguesa preconceituosa, por ser irreconciliavel com o desenvolvimento cultural de todos os povos civilizados. Ajudarão a construir um mundo progressista, para maior compreensão do regime socialista, para o qual marchamos.

São estas, em linhas gerais, as conclusões que qualquer brasileira honesta tira, se ler os estatutos do Partido Comunista do Brasil.

A R C E L I N A   M O C H E L

ESCULTURA

Silvia

Pola Rezende em sua bela expressão de sensibilidade revela desde logo vocação para dizer e exprimir seus anseios de solidariedade humana.

Sente-se de uma maneira bem nítida a força de seu trabalho, não descuidando do metier para a manifestação de sentimentos que são os mais amplos e mais elevados em favor da condição humana. Indiscutivelmente essa artista é senhora de uma linguagem plástica que tem a grande felicidade de impressionar melhor ao militante da vida do que verdadeiramente ao crítico de arte. E não é essa uma afirmação sem marcas convincentes. O próprio Sergio Milliet, um dos críticos de arte mais autorizados de São Paulo, chegou a usar expressões diferentes de sua dialética costumeira: "... Mas, pelo amor de Deus, não dê ouvidos aos professores!" E o nosso crítico chegou mesmo a protestar contra uma possivel "sabença acadêmica" atuando em Pola Rezende. Então estamos bem certos quando aludimos ao valor psicológico de uma obra escultórica que os cariocas assistiram primeiro que os próprios paulistas. Pola Rezende veio de São Paulo e compareceu ao Museu Nacional de Belas Artes realizando uma exposição individual de pintura e

CATADORES DE PAPEL

escultura. O ambiente carioca acolheu assim, uma nova artista vinda da capital bandeirante, com as mais decididas provas de carinho e satisfação.

Na escultura de Pola sobressaem de fato os motivos populares e coletivos. Mesmo uma "Nossa Senhora dos Perdões" que encontramos agora na Divisão Moderna do Salão Nacional de Belas Artes " e que encerra características de piedade e de beleza não pode sofrer um confronto com outros trabalhos interpretando grupos humanos açoitados pela miséria. Não é portanto a figura em separado que a artista consegue melhor fixar. São os grupos que para ela têm sentido. Os grupos formados pelas criaturas significando uma síntese enérgica da tragédia universal não mitigada. E' forte, no dinamismo dos oprimidos. Em "Catadores de papel" sente-se profundamente a tortura de um trabalho sem finalidade como realização existencial. A luta não tem tréguas e o aniqüilamento vital permanece sem anular a ação. Mas em "Humilhados" há como que uma parada no que se pode chamar de agitação, há um profundo arrasamento de possibilidades sem que uma conciência da negação possa ser vencida. No terceiro grupo, o fenômeno de reação assume certa violência: "Terror" talvez represente uma tentativa de salvação. E' a revolta contagiante, uma promessa de defesa e de solidariedade mais concretas. Nessas figuras todas fica bem cimentado o potencial emotivo de Pola Rezende. Em exteriorizações diferentes, a artista imprime suas marcas de polarização passional. E' primitivista e nativa Deforma sem receitas mas essas deformações se ajustam as suas necessidades plásticas. Mantem-se bem pessoal, o que lhe dá um maior mérito de artista.

Quando der largas expansões aos seus trabalhos, voltando-se, inteiramente para o povo, sem desvios, como acontece muitas vezes Pola Rezende terá sempre um maior crédito no mundo escultórico do Brasil.

TERROR

VIENTO

Viento, paloma errabunda con alas de primavera
y corazón de volcán
Viento, mensaje de enigmas envuelto en vellón de soles.
Viento, resuello de abismo y seno de tempestad.

Apenas presentimento fuiste, apenas inminencia.
Apenas fuiste presencia esculpida en el deseo.
Pero un dia se embrujaron de tu pasión mis montañas
y en tus floridos enigmas mis valles se sumergieron.

Torbellino de locuras, por mis caminos danzaste.
Danzaste por mis barrancos, torrente de inmensas dádivas.
Mas, alzó tu danza un lóbrego laberinto de espejismos
y como niños vendados cayeron en él mis ansias.

Mis ansias por las veredas del imposible danzaron.
En tu locura enredadas, se embriagaron de tu vértigo.
Y al buscar en el espacio tus alas de primavera,
clavadas fueron a fuego en el peñón del silencio.

Ahora me roen los ojos tus luciérnagas de nieve.
Tus cóndores de ceniza cébanse en mi soledad.
Por haber danzado una hora en tu torrente de dádivas
soy una boca vacia colgada en la Inmensidad.

J E S Ú S   L A R A

Nota de uma Antologia "Poetas Nuevos de Bolivia": "Jesús Lara — Representa la hondura y sensual dasasosiego del alma keswa. Sus jarahuis tienen sangre indígena y carne de luceros. Es simplesmente admirable la riqueza emotiva de este poeta y plausible su afán innovador de enriquecer el lenguaje castellano con los giros de vocablos profundamente expressivos del keswa, idioma milenario de los emperadores inkas".

Liquidar Franco e Salazar é defender a democracia mundial

ROBERTO MORENA

A opinião democrática mundial reclama a liquidação dos regimes fascistas de Franco e Salazar. Não se pode admitir, que no momento em que se vai estruturando o mundo melhor, na península Ibérica mantem-se sistemas de governo que ameaçam a paz, a democracia e a liberdade.

Julgam muitos homens bem intencionados, amantes da paz e da democracia, que êsse problema é privativo dos portugueses e espanhóis. Ou então, de alguns outros que sempre estiveram na vanguarda da luta contra os reacionários de tôdas as modalidades. Não se lembram que a primeira manifestação armada do fascismo foi exatamente na Espanha. Lá que as hostes dos execrandos Hitler e Mussolini ensaiaram a possibilidade da sua expansão pelo mundo. Lá que o nazifascismo, valendo-se da quinta-coluna adrede preparada, pôde esmagar um indômito povo e criar uma base para conquistas futuras. E o que sucedeu depois? A submissão de democracias vacilantes, o esquartejamento das liberdades e soberania das nações livres na mesa operatória de Munich, a guerra cruenta, sem paralelo na história dos crimes que abalaram a humanidade.

Todos sofreram. Todos se sentiram as próximas vítimas, mesmo que se tenham mantidos longe do campo de operações de guerra. Todos se uniram com decisão para acabar com a guerra criminosa, indo até ao covil das féras para exterminar os causadores de tantos sofrimentos. E agora quando a humanidade se reergue para tratar as questões de reconstrução do mundo novo, ainda se permite que Franco e Salazar e seus sequazes possam subsistir. Será que os super criminosos de guerra, que descansam em Nuremberg ou em outras estações de águas no mundo, estão otimistas que ainda poderão ver-se livres da "prisão" e voltar a dirigir a feroz reação que desencadearam outrora?

Por que Franco e Salazar ainda podem afogar em sangue o povo que luta? A resposta é clara: estão apoiados nas forças reacionárias mundiais. Ambos os regimes gozam de ilimitadas concessões que os ajudam a manter certas necessidades imprescindiveis. Várias personalidades de evidente prestigio e insuspeição já denunciaram as remessas de víveres e materias primas para Espanha e Portugal. Se houvesse um organismo de responsabilidades já se teria tomado sanções contra tais liberticidas. Os acordos internacionais sôbre a segurança da paz mundial não terão valor na sua íntegra enquanto se mantiver fócos de infeção tão virulentos como os da península Ibérica.

Sómente a vontade democrática mundial unida em prol da libertação dos povos espanhol e português é que póde obrigar a uma política justa com Franco e Salazar. Não permitir que se reconheça a farsa das eleições que prepara a organização fascista de Salazar, para dar a impressão que o povo de Portugal sancionou, através do voto, a legalidade do seu execrando regime. Não permitir que Franco continue a fazer manobras de troca de sistemas de governo, porque tudo será uma nova mistificação. Não permitir que milhares de combatentes espanhóis estiolem nos cárceres e que outros tantos estejam longe de sua pátria, sem poderem dar todo seu entusiasmo patriótico para reconstruir seu país dentro das novas condições que surgiram depois de liquidar a besta féra nazifascista nos campos de batalha.

Nosso povo tem já manifestado sua solidariedade com a luta destemerosa dos que dentro de Espanha e Portugal vão vencendo Franco e Salazar. Mas falta ainda interessar amplamente a milhares de cidadãos brasileiros para dar uma enorme profundidade a essa luta antifascista. Estamos em horas de definições. As eleições entraram na fase final. Há candidatos de todos os matizes. Eles devem definir claramente como irão conduzir sua política exterior. Se estão dispostos a levar o Brasil a encarar seriamente êsses problemas não como "casos" espanhol ou português mas como o dever de país democrata. Se levarão o Brasil a participar ao lado da União Soviética, que quasi só denuncia a política de complacência com os regimes fascistas e o de interferência nos sistemas democráticos que os povos livres vão construindo. Ainda, se no interior do país êles irão consentir que representações supostamente diplomáticas continuem a servir de fócos de espionagem e de arregimentação de forças fascistas.

Os povos de Espanha e Portugal merecem nosso apoio. Nossa mais ardente solidariedade. Não é para o mundo de liberdade um bom augúrio a vitória das forças democráticas de esquerda na França? Não foi um alivio a formação dum governo trabalhista na Inglaterra após a derrota dos conservadores? A reintegração da Itália democrática no concerto das Nações Unidas não alicerça a paz e a tranquilidade do mundo? A destruição dos vestigios do fascismo na Alemanha e no Japão não são medidas de saneamento necessário para a segurança da humanidade? Todos dirão que sim. Todos estão convencidos pelos fatos que enquanto não for extirpado da face da terra a origem das guerras, todas as medidas de segurança não teem valor prático.

Agora, quando o povo português luta em praça pública, os valentes espanhóis enfrentam a gestapo de Franco, como Zapirain e Alvarez, nós democratas brasileiros temos de aumentar e duplicar nossos esforços para que a opinião da nação brasileira possa alentar nossos irmãos no seu combate e levar nosso governo a romper relações com tão malsinados regimes. E para nossa segurança, para afiançar a obra que estamos realizando, é um dever àqueles que criaram nossa nacionalidade que devemos libertar os valentes espanhóis e portugueses, veteranos de tantas lutas pela liberdade e o progresso da humanidade.

EMULAÇÃO SOCIALISTA

MOSCOU, via Prewi — Para "Esfera".

JOSÉ LUIZ SALADO

Um têrmo muito conhecido de todos os cidadãos soviéticos — "emulação socialista" — voltou a aparecer hoje na primeira página dos jornais desta capital. Os metalúrgicos de Magnitógorsk e os de Kuznietsk iniciam agora, através de um apêlo dirigido a todos os seus camaradas da siderurgia soviética, um novo e impetuoso movimento de trabalho para o bem da Pátria, ou como dizem, usando uma bela expressão, os próprios iniciadores do movimento "em homenagem à Vitória".

A propósito recorda-se que, há 3 anos, os mesmos vanguardeiros metalúrgicos da URSS promoveram também um grande movimento de trabalho patriótico sob o lema de "Mais metal para a frente". Isto ocorreu em maio de 1942, quando o inimigo ainda profanava a terra soviética e se dispunha a cravar o punhal no Volga.

Stalingrado devia ser o limite máximo de seu avanço. Na derrota dos alemães diante do Volga, os metalúrgicos soviéticos tiveram também sua participação destacada. Agora terminou a guerra com a plena vitória das armas soviéticas. O país dos soviets volta à construção pacífica interrompida pela agressão da horda nazista. Chegou — recordemos as palavras de Stalin — o momento de cicatrizar as feridas causadas pela guerra ao país.

Com essas palavras como insígnia, os metalúrgicos de Magnitogorsk se comprometem a incrementar êste ano a extração do minério de ferro em 200.000 toneladas além do plano, em relação ao ano passado, a fundição de ferro em 250.000 toneladas, a de aço no mesmo volume de produção de laminado em 150.000 toneladas.

Ao mesmo tempo o pessoal da emprêsa siderúrgica de Kuznietsk se compromete a produzir além do seu programa anual 20.000 toneladas de ferro, 65.000 de aço e 50.000 de laminado.

Os jornais de Moscou ao comentar o início desta emulação em editoriais, manifestam a convicção de que também desta vez, segundo o costume da classe operária da URSS, as palavras serão unicamente expressões dos fatos concretos.

Outro assunto que prende a atenção da vida soviética é a estadia em Moscou do Chefe do Govêrno e vice-ministro dos Negócios Exteriores da República Chinesa.

O Sr. Molotov ofereceu uma recepção em sua honra e foi recebida no dia seguinte pelo presidente Kalinin.

Também chegou a Moscou o Primeiro Ministro da República Popular da Mongólia. Molotov o recebeu no aeroporto.

Finalmente salienta-se o fim do 14.º Campeonato de Xadrez da URSS, que estava sendo disputado nesta capital e que foi, como é natural em um país onde a grande massa joga xadrez, quase um acontecimento nacional.

O vencedor foi o famoso Botvinnik, a quem coube o título de Campeão da URSS para 1945. Seu triunfo foi completo e admirável: nem uma só partida perdida, 15 pontos ganhos de 16 possíveis em somente 4 partidas. Logo a seguir, com uma diferença de 3 pontos, colocou-se Boleslavski que no campeonato de 1944 ocupou o terceiro pôsto. Êste ano o terceiro lugar coube ao jóvem David Bronstein, figura ascendente do xadrez soviético. Smilov acha-se em franco declínio e seu fracasso atual — oito tentos e meio em 16 possíveis — foi uma das maiores surpresas do campeonato que acaba de findar.

ORLANDO TERUZ

DURVAL SERRA

Dentro do "Movimento Modernista" no Brasil, Orlando Teruz, como Tarsila, Anita Malfati, Di Cavalcanti, Quirino Campofiorito, Portinari, Segal, Quirino da Silva e alguns outros, tem lugar destacado pelas atitudes que sempre tiveram em contraste aos chamados "acadêmicos".

E' interessante observar-se que não obs-

tante as divergências que existem dentre os pontos de vista com as variadas tendências nas artes plásticas, podemos notar que Teruz permanece calmo e fiel aos seus princípios, sem se lançar a nenhuma aventura, pintando sem cometer nenhuma audácia, permanecendo estritamente de acôrdo com suas tendências artísticas.

Seus quadros nos mostram a maneira aprimorada com que trabalha, abandonando os elementos que julga necessários, tratando com minucia e esmero os que julga lhe interessarem mais de perto.

Teruz é um pintor que conhece perfeitamente o seu ofício e bem se poderá dizer, um moderno que procura pintar como os antigos. A custa de meticulosos estudos, compreendeu perfeitamente sua tendência artística e procurou encaminhar honestamente suas pesquisas para os artistas da Renascença, aprofundando-se mais, até os primitivos italianos.

Com a visivel intenção de nos mostrar os fundamentos básicos de pesquisas em pintura, Teruz procura tratar as suas "Madonas" com cuidado de composição, matéria, e colorido que bem denotam as fontes que lhe fornecem toda a técnica utilizada. Pode-se dizer mesmo, que essas telas nada perdem em beleza visual àquelas pintadas pelos antigos, isso vem reforçar a constatação de que o artista não se desvia da linha que procura seguir aliando suas tendências artísticas, à técnica conseguida com esforço e que de dia para dia procura aprimorar e conservar.

Os retratos mostram perfeitamente as pessoas retratadas, em pôses naturais e simples, onde o artista emprega zelosamente toda a sua técnica.

Com acentuado bom gosto Teruz pinta seus "nús" trabalhando de maneira cuidadosa esse tão batido assunto e conseguindo dar uma bela representação plástica ao material tratado e para realçar o assunto principal, constrói a composição de fundo perfeitamente a maneira dos artigos.

Quando Teruz pinta os assuntos brasileiros, dá um cunho bem característico à técnica que usa e que é positivamente bem aplicada e com inteligência tratada. As cidades e paisagens do interior e os morros, com seus casebres e moradores, são apresentados sob um desenho simples e composição ingênua em que o artista procura exprimir bem, o pauperismo e o drama dessa nossa gente. Os morros que Teruz pinta, parecem ter vindo de muitos séculos passados. Olhando-os temos a impressão de que o artista nos lança um quadro de assunto atual, mas que vem do passado como se fosse uma herança, calcada nos sofrimentos e nos dramas provocados pelos desajustamentos sociais. Sem que nos pareçam um grito de revolta essas telas nos comunicam uma tristeza morna e conformada, mas que um dia terminará.

Possue a pintura de Teruz tanto nesses motivos como nas flores, cavalos, nas paisagens ou ruinas de colunas, cachorros, galos, etc. tanto pela composição impecavel de grande efeito, como pelo colorido, pela técnica usada de grandes qualidades que bem revelam o artista.

Tendo sua vida inteiramente voltada para a sua arte, Teruz tem feito várias exposições individuais, figurando tambem em outras coletivas.

Teruz fez o curso de pintura na Escola Nacional de Belas Artes e como expositor do Salão Oficial, tem recebido todas as premiações a que concorreu. Em gozo de Premio de Viagem ao Estrangeiro, esteve nas principais cidades da Europa e tem trabalhos nos grandes Museus da França, Bélgica, Inglaterra, Holanda, Estados Unidos, Chile e Argentina, bem como em diversas galerias particulares.

FICHAS DE LINGUAGEM

BEIJO — BEIJINHO — BEIJÚ — BIJÚ

"Farinha branca, o beijo da farinha". (Bento Pereira, "Prosódia Latina", s. vcb. *leocalphitos*).

"Beijinho, m...... *Prov. trasm.* Farinha fina de trigo, separada da sêmea". ("Novo Dicionário", 1926).

*

Os termos brasileiros beijú e bijú estão averbados em B. Rohan, "Vocábulos Brasileiros". A segunda destas formas é corrente no Estado de S. Paulo, e foi arquivada e estudada por Amadeu Amaral. "Dialeto Caipira", que, depois de referir-se às diferentes formas que o termo apresenta nos textos onde tem sido estudado, levanta suspeita contra a origem tupí até então unanimemente atribuida ao vocábulo e aproxima-o do português *beijinho*.

O termo *beijo*, que agora encontrei empregado por Bento Pereira, talvez concorra para dar maior peso à suspeita de Amadeu Amaral.

Parece muito provável que o *beijo* portugguês, transportado para cá, sofresse a influência da fonética tupí, alterando-se em *beijú*. Alternativa oposta é tambem admissivel; se transferido para Portugal, o beijú americano poderia, sob a influência de beijo — ósculo —, achegar-se da fonética em que o ouviu o autor da "Prosódia Latina". Decidam os competentes.

Mota Coqueiro

UM GRANDE CORAÇÃO QUE DEIXOU DE VIVER: MARGUERITE AUDOUX

LOUIS LANOIZELÉE

Marguerite Audoux nos deixou... Meu pensamento ainda está todo impregnado de sua personalidade e se recusa a crer que a partida seja definitiva. Tenho a impressão que quando desejar vou bater numa imensa casa proletária e tocar a campainha num certo alojamento do terceiro andar. Uma porta irá se abrir... e meu coração ficará contente.

Quando penso em Marguerite Audoux não é essa habitação que revejo. Assemelhava-se muito a um lugar de encontro, alguma coisa de passageiro e acidental. Não estava cheio de sol como o outro, aquele dos bons e dos máus dias. Faltava-lhe uma alma, um passado.

Marguerite Audoux não se sentia feliz alí. Na biblioteca os livros permaneciam na mesma desordem da chegada. A cada visita me dizia: — "Veja, ainda não arrumei meus livros. Vou fazê-lo qualquer dia".

Sentia-se nela uma grande lassidão. A doença que lhe seria fatal, começava, sem dúvida, as suas incursões. E também, não havia mais o ambiente do bairro em que tinha sempre vivido.

Mesmo que tivéssemos a felicidade de sua cura, jamais estaria de volta entre nós.

Não obstante, existiam plantas na janela. No verão, as folhagens alinhadas em vários planos alegravam a vista. Mas era o sol que faltava, o quente e bom sol que sabe colorir amorosamente os pensamentos mais sombrios.

O antigo apartamento era iluminado a gaz e a eletricidade era no de agora uma coisa nova. Para a luz crúa fatigando a vista tinham sido imaginados vários quebra-luzes azulados.

Marguerite Audoux tinha a vista muito fraca Várias vezes havia sido obrigada a parar todo o trabalho, toda leitura. Seus olhos mereciam a sua mais cruel preocupação. Muitas vezes me disse: — "Ah! ficar céga é o mesmo que morrer em seguida".

Lembrarei sempre a emoção que experimentei na primeira entrevista com a autora de "Marie Claire". Ela habitava, nêsse tempo, o sexto andar de um imóvel à rua Léopold Robert, num modesto quarto que tinha ampliado depois da mudança de uma vizinha.

Marguerite Audoux tinha uma fisionomia de traços regulares que deixava transparecer franqueza e simplicidade. Logo me sentí à vontade, como se estivesse em casa de um parente que conhecia de há muito. Parecia viver num modesto bem estar, porque tinha sabido arranjar sua existência com meios bem precários. Era verdadeiramente pobre, aquela que distribuia, aos poucos amigos que a vinham ver, toda a dádiva generosa dos mais puros sentimentos humanos ?

Marguerite Audoux possuia num grau extraordinário o dom incomparavel do *Conteur*. Sentava-se em sua poltrona de vime, ajustava as lentes na armação de ferro e a narrativa transportava. Permanecia-se com os olhos impregnados de belos sonhos, sob o encanto de seus contos feéricos... e as horas passavam.

Que lindas histórias me contou sôbre Charles-Louis Philippe, sôbre alguns amigos... que ainda escreverei talvez um dia.

De onde vinha êsse sôpro tão límpido, tão puro, que saía de seus lábios ?

Vinha dos confins de Sologne, quando a humilde pastora escutava a doce canção da brisa nas grandes árvores ?

Vinha de um camponês aêdo, bom velho de barbas brancas, que visitando as choupanas nas tardes de inverno ao lado do fogo crepitante das lareiras, encantou gerações sucessivas de gente rústica ?

Certos críticos têm dito que Marguerite Audoux pouco publicou. Não sabiam que escrevia para ela mesmo, para se contar histórias. Seu caderno era como um amigo, a quem confiava alegrias e sofrimentos. Com o tempo, a narrativa tomava vulto. E um dia chegava, depois de muitas hesitações, de escrúpulos, porque os amigos animavam um pouco, em que se decidia entregar seus sonhos ao público. Era um verdadeiro dilaceramento. Como uma mãe a que se rouba o filho querido. Escrever, narrar, foi uma necessidade intensa que a consolou das desilusões e das tristezas que a vida lhe tinha reservado.

Tem-se dito que escreveu pouco. Se todas as belas narrativas de Marguerite Audoux, feitas a seus fiéis amigos tivessem sido publicadas, teriam o valor de uma obra imensa e toda ela impregnada de poesia. Escrevia com um estilo ideal e sóbrio. Falava ainda melhor do que escrevia. Tinha ainda mais bondade e mais generosidade do que saber-dizer. Tudo que era bom, tudo que era belo, parecia sua própria essência. Existem riquezas, cuja moeda corrente não é o dinheiro, porque o cofre forte em que estão guardadas é um coração humano.

Existem autores que admiro e que teriam merecido mais quietude no seu trabalho honesto e fecundo. Mas, a sociedade atual presta mais atenção aos chantagistas e aos falsos profetas do que a gente de coração. Penso em Lucien Jean, em Charles-Louis Philippe e em Marguerite Audoux. Meu amigo Emile Guillaumin, romancista camponês, que vive modestamente em seu sitio, entre os campos e os bósques, não vai me querer mal, espero, por juntar seu nome aos dos três grandes desaparecidos. Tiveram talento. Podiam pretender pelo sucesso de um momento, ao luxo e às honras... Permaneceram simples. Permaneceram puros. E' por isso que eu os amo.

A autora de "Annette Beaubois", nos deixou quando acabava de terminar o seu último romance. Partiu como um honesto operário que terminou sua rude jornada e que dorme satisfeito de seu trabalho.

Num cemitério do Sul, Marguerite Audoux repousa sob um grande carvalho.

... ...

Lembro-me que um dia ela me disse: "Você já percebeu que muitos dos meus amigos me abandonaram. Têm muito dos seus próprios interêsses e de sua própria ambição para se ocuparem de uma pobre velha como eu. Estou certa de que depois da minha desaparição poucos artigos serão escritos para anunciar a morte da "costureira".

E eu lhe respondí:

"Estou persuaddo de que seus amgos repararão o esquecimento de agora. Em todo caso, lhe afirmo que estarei entre os que não irão esquecê-la".

PROGRAMA DE UNIÃO NACIONAL

E' a seguinte a declaração do P. C. B. feita no momento em que são lançados os nomes de seus candidatos a senadores e deputados:

"Ao apresentar à Nação as listas de seus candidatos às eleições parlamentares de 2 de dezembro próximo o *Partido Comunista do Brasil* pede a atenção de todos os brasileiros, eleitores ou não, homens e mulheres, independentemente de classes sociais, de ideologias políticas, de crenças religiosas ou pontos de vista filosóficos, para os nomes registrados e para o *programa mínimo de união nacional* que seus candidatos defenderão no futuro Parlamento.

Os nomes registrados sob a legenda do *Partido Comunista do Brasil* são de homens e mulheres dignos de receber os votos de todos os patriotas e democratas, de todos os sinceros anti-fascistas, de todos que desejam o progresso do Brasil, porque são nomes de operários, de camponeses, de agricultores, comerciantes e industriais, de intelectuais, médicos, advogados e engenheiros, de escritores e militares, comunistas e não-comunistas, mas todos democratas honestos, lutadores anti-fascistas conhecidos e provados nos duros anos de reação e de guerra.

Os candidatos registrados sob a legenda do *Partido Comunista do Brasil*, comunistas ou não, comprometem-se ante a Nação, a serem no Parlamento os mais intransigentes e infatigáveis lutadores contra o fascismo e a tudo fazerem pela ampliação e consolidação da democracia em nossa terra. Sua atividade no Parlamento ficará subordinada aos seguintes preceitos, por todos voluntariamente aceitos, como *programa mínimo de união nacional*.

I

Os eleitos do povo, senadores e deputados, devem reunir-se em assembléia única, conforme determina a Lei Constitucional n. 13, para, como poder soberano, emanação direta da Nação, constituir-se em Assembléia Constituinte, que proclamará a imediata caducidade da carta reacionária de 10 de novembro de 1937.

II

A Assembléia Constituinte decidirá soberanamente a respeito do govêrno da República, que substituido ou confirmado no poder, passará desde logo a ser mero delegado da Assembléia Constituinte, perante ela responsável coletiva e individualmente por todos os seus atos.

III

A Assembléia Constituinte poderá desde logo, antes de entrar propriamente na discussão sôbre a futura Constituição, elaborar uma *"Declaração dos Direitos e Deveres do Cidadão"*, segundo os imortais princípios das Revoluções americana de 1776 e francesa de 1789, mas acrescida dos direitos sociais essenciais e indispensáveis nas democracias modernas. Serão assim proclamados todos os direitos do homem e do cidadão: liberdade de consciência; de religião (de ter ou não religião); de manifestação do pensamento, pela imprensa, rádio, etc.; liberdade de reunião, de associação, inclusive de associação política; inviolabilidade do domicílio e o sigilo da correspondência. E, como direitos sociais essenciais: o direito à instrução para todos sem distinção a não ser o valor individual revelado; o direito ao trabalho e ao repouso; o direito à assistência paga pelo Estado, para acidentes, doença, invalidez; aposentadoria digna para os velhos trabalhadores. Completa igualdade de direito para a mulher.

IV

Quanto à Constituição democrática a ser adotada, seus princípios fundamentais serão os seguintes:

1) Tôda a soberania reside na Nação — o único poder legislativo é o que vem do povo. Nestas condições, os deputados nada mais são que mandatários dos que os elegeram e perante eles responsáveis. Aos eleitores, portanto, o direito de cassar a qualquer momento o mandato de seus representantes.

2) O voto é direito inalienável de todo cidadão maior de 18 anos, homem ou mulher, independentemente do nível cultural (mesmo analfabetos) e profissão que exerçam, inclusive soldados e marinheiros. Só o sufrágio direto, secreto e universal é realmente democrático. As eleições para assembléias devem ser feitas por listas de partidos políticos e o sufrágio rigorosamente proporcional às fôrças de cada partido, dentro de cada unidade da Federação.

3) Todos os cargos administrativos importantes, cargos de govêrno principalmente, devem ficar nas mãos de representantes eleitos pelo povo, desde o município até os orgãos supremos do poder.

4) O govêrno federal (poder executivo) será exercido por um Conselho de ministros escolhidos e nomeados pela Assembléia de representantes do povo e perante ela responsáveis. A mesa da Assembléia acompanha todos

os trabalhos do govêrno, controla sua atuação e defende a Constituição.

5) O Presidente da República deve ser eleito pela Assembléia de representantes do povo e não tem poderes a ela superiores.

6) Como regra geral os juizes devem ser eleitos pelo povo.

A justiça será serviço público e gratuito.

7) Estados, Municípios e o Distrito Federal terão completa autonomia política e administrativa, regendo-se pelos preceitos constitucionais que adotarem, respeitada a Constituição da República.

8) As grandes propriedades abandonadas ou mal utilizadas junto aos grandes centros de consumo e às vias de comunicação já existentes deverão passar ao poder do Estado para que sejam gratuitamente distribuidas aos camponeses sem terra.

9) Na Constituição será assegurada a supressão do feudalismo econômico e financeiro. Todos os *trusts* que pelo seu poderio econômico possam impedir na prática o gôzo das liberdades teoricamente proclamadas, e aqueles cujo poderio ameaçar a independência nacional, devem ser por via constitucional imediatamente nacionalizadas pelo govêrno.

10) Será mantida rigorosa separação do Estado da religião. Liberdade na prática de tôdas as religiões. Laicidade do ensino público.

V

Mas, além do interêsse pela nova Constituição, os senadores e deputados do povo na Assembléia Constituinte, ou mesmo nas duas casas do Parlamento, tudo farão em defesa dos mais imediatos interêsses da Nação, lutando:

1) Pela manutenção da paz imediata; pela rutura de relações com os governos fascistas, especialmente de Espanha e Portugal; pela solidariedade das Nações Unidas, em apôio da Carta de São Francisco e da política de paz e colaboração sob a égide do Conselho de Segurança Mundial e das três grandes nações democráticas: Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética.

2) Pela prática da democracia interna, em defesa intransigente dos direitos civis do cidadão.

3) Contra o fascismo, pela dissolução imediata dos bandos integralistas, quaisquer que sejam seus nomes, e prisão e processo de seus chefes, como traidores nacionais.

4) Contra a carestia da vida, através de medidas práticas contra a inflação.

5) Pela efetiva aplicação da legislação trabalhista sob o contrôle dos próprios interessados organizados em seus sindicatos realmente livres e autônomos. Ampliação da Justiça do Trabalho e imediata substituição dos juizes que não foram livremente eleitos.

6) Pela imediata extensão dos direitos sociais aos trabalhadores agrícolas.

7) Pela ajuda decidida do govêrno à organização sindical do proletariado, inclusive emprêsas autárquicas, a fim de que unifique nacionalmente suas fôrças numa grande Confederação Geral.

8) Pela rápida liquidação dos restos feudais na agricultura em defesa da massa camponesa, contra a exploração dos grandes fazendeiros reacionários.

9) Pela entrega de terras úteis à agricultura junto aos grandes centros de consumo e às vias de comunicação existentes aos camponeses pobres que as queiram diretamente trabalhar.

10) Pela imediata dissolução de tôdas as polícias políticas e processo criminal contra os carcereiros e carrascos policiais que maiores crimes cometeram durante a reação.

11) Pela imediata democratização do ensino, sua simplificação de maneira a assegurar instrução primária, técnico-profissional e na medida do possível, secundária, gratuita às mais amplas massas da população.

12) Pelo socôrro médico e hospitalar imediato às vítimas das endemias que maiores males causam à nossa população, especialmente a tuberculose. Proteção à maternidade e à infância.

13) Pela democratização das nossas fôrças organizadas e sua aparelhagem progressiva, de maneira a constituirem elemento cada vez mais eficiente em defesa da democracia e da independência nacional.

14) Pela revisão dos contratos mais lesivos aos interêsses nacionais com as emprêsas nacionais ou estrangeiras.

15) Pela revisão geral do sistema de impostos, e substituição rápida dos impostos indiretos pelos diretos, sôbre a renda e o capital.

Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1945.

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil."

De OSWALDINO MARQUES

HOMEM, O INEVITAVEL

Ninguém mais pode fugir ao homem,
A enorme aranha estendeu sua teia entre a retina e o universo.
O anjo de cauda está trepado nos nossos ombros com suas asas inúteis,
Olhando o que fazemos e cotejando com o texto.

Acabaram-se as distâncias e as superposições
Me despenho mil côvados e continuo ainda em território humano.
Nossas partes estão integradas no imenso Corpo natural,
Por mais que nos evadamos, nunca sairemos dos seus arredores.
As muralhas ruiram e agora somos testemunhas das estrêlas,
Convidemos as criaturas para assistirem ao espetáculo da aurora,
Chegando a todo pano empurrada pelos titãs.

ADAGIO LARGO

As ondas grimpam estouvadas pelo meu corpo
O mar lava o convés do meu peito afetuoso.
Sob a asa da úmida vela singro galhardamente
O vento assobiando na enxárcia dos meus cabelos.
Eh barco! golpeia com cuidado a carne das águas,
Carrego no meu bojo o espólio de duras batalhas.
As espumas já se tingiram da púrpura das veias
E o ocaso rutilou nas lágrimas vertidas em silêncio.
Hoje cortadas as amarras me faço ao mar alto
Para na paz perfeita sondar meus tesouros submersos.

(Do livro, a sair, "Poemas Quase Dissolutos")

DESENHOS INFANTIS

Trabalhando infatigavelmente por uma aproximação cada vez mais profunda entre a França e o Brasil, Beatriz Reynal vem desenvolvendo uma atividade extraordinária. Assim é que através da imprensa, do rádio e do livro, para não falar da sua poesia, que é toda um hino entrelaçando num mesmo amor sua pátria de origem e sua pátria adotiva, vem ela lutando, sem desfalecimentos, por essa causa, que faz sua, e que tanto é a causa da França e do Brasil como a própria causa do espírito e da cultura.

Apelando para a imaginação das crianças, a poetisa de "Au fond du coeur" realizou um concurso de desenhos infantis com o tema: "Como vê você Paris Libertada?"

Traduzindo num desenho ou numa aquarela o significado de París libertada e como veem seus "boulevards", suas praças, seus jardins, suas ruas e monumentos, as crianças brasileiras tiveram a oportunidade de exprimir plasticamente sua admiração pela França, revelando ao mesmo tempo, — e este o aspecto mais interessante de certamen, — suas inclinações artísticas.

Assim, com o amparo do Ministro Capanema e da Embaixada da França esteve aberta a grande Exposição de Desenhos Infantis, cuja iniciativa de Beatriz Reynal transformou-se numa das mais expressivas mostras de arte do corrente ano.

O crítico de arte encontrou na exposição das crianças brasileiras um fartíssimo material de estudo e os educadores que se dedicam de fato às tendências de nossa infância encontraram nos trabalhos exibidos uma magnífica mostra de possibilidades e anseios geralmente esquecidos na faina normal de muitos dos nossos educadores.

Beatrix Reynal foi objetiva na sua tarefa cultural atingindo a base de nossa formação capaz de determinar de fato o principio fundamental do processo de cultura necessário, psicologicamente aos ideais de nosso povo. Merece, portanto, os mais calorosos aplausos e os agradecimentos dos brasileiros concientes.

LENINGRADO

Em Leningrado, a cidade heróica da resistência soviética, o povo festeja os soldados do Exército Vermelho que lutaram na Alemanha contra o fascismo internacional.

REGRESSO

Depois da Vitória contra os nazistas, os regimentos de Talinn voltam à sua cidade e desfilam entre os aplausos calorosos do povo nas ruas da Capital da Estónia.

SIMON BOLIVAR

A data do grande libertador sul-americano mereceu este ano excepcionais comemorações em Nova York. A "The Pan American Society" e a "The Bolivarian Society" celebraram em conjunto, no Central Park, uma cerimônia com a presença de pessoas gradas, entre as quais vemos em nossa foto os Srs. William A. Prendergost, Vice-Presidente da "The Pan American Society" e um dos oradores, Galo Plaza, Embaixador do Equador nos Estados Unidos, Capitão Alejandro Fernandez Ortiz, consul geral da Venezuela, Carlos Barros, consul do Brasil e muitos outros.

SITUAÇÃO MUNDIAL
DO INFORME POLÍTICO

Foram profundas as modificações básicas no cenário político mundial nos últimos anos. A crise geral do capitalismo agravara, desde 1929, de maneira ináudita as contradições imperialistas. Enquanto os povos soviéticos, através de sucessivos planos quinquenais, prosperavam rapidamente e construíam as bases do socialismo no mundo capitalista a parte mais reacionária da burguesia, os homens dos monopólios, dos trustes e dos carteis com seus agentes governamentais, atiravam-se a toda espécie de aventuras guerreiras, armavam Hitler como gendarme do imperialismo para em seguida apresentar a política de capitulação às aventuras do nazi-fascismo como o única que asseguraria a paz reclamada pelos seus povos. Em nome da paz, fazia-se de fato uma política de estímulo à guerra, política que levou a Munique e Finalmente ao ataque atrevido de Hitler aos povos soviéticos. Mas a própria realidade terrível da guerra criou condições novas, criou a nova política de colaboração indispensavel à derrota militar do nazi-fascismo, a política de Teeran que assegurou a unidade para a guerra e abriu a perspectiva da vitória e da colaboração para o apos-guerra.

Da política de capitulação ao nazismo à política de colaboração contra o nazismo — essa a diferença fundamental a assinalar, afim de melhor compreender as modificações operárias no quadro mundial e consequentemente na situação extensa e interna de nosso próprio país.

I — DE MUNIQUE A TEERAN

A palavra de Stalin caracteriza suficientemente e melhor que nenhuma outra o que houve de fundamental na modificação da situação mundial.

Dizia o grande chefe dos povos soviéticos, a 10-3-39, no XVIII Congresso do Partido, denunciando a política de Munique, a política de capitulação e de evidentes preparativos de guerra contra a URSS: "Tomemos, por exemplo, o caso da Alemanha. Cedem-Abelhe, a região do Sudetos, abandonam-se à própria sorte a Checoslovaquia; faltando-se a todos e a cada uma das obrigações contraídas, para em seguida desencadear-se uma campanha de imprensa com as mais descaradas mentiras sôbre a "fraqueza do Exército Vermelho" sôbre a "decomposição

D O C U M E N T O S

DISCURSO PROFERIDO POR
no Pacaembú, em 15

Brasileiros ! Trabalhadores !
Povo paulista !
Digníssimos senhores representantes das autoridades do Estado !
Presadíssimo camarada e amigo Pablo Neruda !
Srs. representantes das diversas fôrças e partidos políticos !
Companheiros e companheiras do Partido Comunista !
Amigos e companheiros !

Poucas vêzes, como nêste instante, em que entro em contacto mais íntimo e direto com o povo trabalhador e generoso de São Paulo, sentí tão grande a responsabilidade que pesa sôbre meus ombros.

Recordo o comício memorável de São Januário e recapitulando o que fizemos nestas oito semanas, alegro-me com o caminho andado, mas sinto o peso de responsabilidades crescentes.

Compreendo e avalio a significação profunda desta festa: festa do povo para o povo: organizada e realizada pelo próprio povo. Vejo nela uma demonstração de confiança em mim e no meu Partido. E isto, a confiança do povo, significa, para nós, comunistas, novos deveres e responsabilidades cada vez maiores que aceitamos conscientemente e sem vacilações.

Sim ! o povo sabe em quem confiar. Porque êle, muito ao contrário do que afirmam seus levianos detratores, não é cético nem indiferente. O povo, justamente porque sofre em consequências terríveis de uma ordem social injusta, não pode ser conformista nem complacente — sabe fazer justiça. Não esquece jamais dos que sofreram com dignidade pela causa do povo. E porque não é abúlico nem álgido, o povo confia e aplaude. Aplaude os que têm a coragem de lhe falar com franqueza e sinceridade.

Homens e mulheres de São Paulo !

O povo paulista — e especialmente os trabalhadores de que, durante o glorioso movimento da Aliança Nacional Libertadora, quando as fôrças democráticas e progressistas com o nosso Partido à frente se mobilizaram para deter a ascensão do fascismo em nossa terra, soube formar na vanguarda daquele glorioso movimento, mostra hoje compreender e aplicar a política de União Nacional, de defesa da ordem e da tranquilidade internas, para a marcha segura do Brasil no caminho da democracia.

Povo laborioso e de índole pacífica, o povo paulista tem conciência da luta que vem mantendo através da sua história e, por isso, não se deixará arrastar pelos aventureiros e demagogos que, a serviço do fascismo e da 5.ª coluna, pregam a desordem, no momento em que ao povo interessa consolidar e ampliar cada vez mais as suas conquistas democráticas, dentro de um clima de paz e de tranquilidade.

A festa que aquí realizamos é uma prova eloquente e viva dessa capacidade de compreenção do povo paulista. Aquí seguramente não estão apenas comunistas. Aquí estão homens e mulheres de todas as tendências democráticas, de todas as crenças e ideologias, de todas as raças e classes.

Eu vos saúdo particularmente a vós crentes de todas as fés, de todas as religiões. Católicos ou protestantes, espíritas e positivistas aquí presentes. Nosso Partido, que conta entre seus membros pessoas de todos os credos e religiões, bem como céticos, agnósticos e ateus, não é nem pode ser contrário a nenhuma religião.

Não é a beleza desta festa uma demonstração da fôrça de que é capaz o povo unido ? Não nos indicará ela que o caminho da união nacional é aquele que nos conduzirá a encontrar soluções rápidas e eficientes para os graves problemas que temos diante de nós ?

Sim ! Por isso, nêsse momento, mais uma vez reafirmamos nossa determinação inabalavel como comunistas e patriótas, de marchar com todos aqueles que desejem sinceramente o progresso

HISTÓRICOS

LUIZ CARLOS PRESTES

de Julho de 1945

e o bem estar da nossa terra e nos opôr por todos os meios aos que procuram dividir o povo, afim de quebrar a sua fôrça e assim mais facilmente colocá-lo ao sabor dos elementos mais reacionários e retrógados nacionais ou agentes do capital colonizador.

Ao dirigir-me ao povo paulista, avalio bem, como comunista, o papel que a São Paulo está destinado na vida democrática no sentido da qual nossa Pátria dá os primeiros passos. Em São Paulo se encontra o mais numeroso proletariado do Brasil; em São Paulo se concentra a massa camponesa mais numerosa e também importantes fôrças políticas e econômicas da burguesia nacional.

Não foi, portanto, por acaso que a 5.ª Coluna e a reação tentaram fazer de São Paulo o centro das suas atividades criminosas. Em São Paulo os espiões e sabotadores organizaram, aproveitando-se das restrições que um regime de opressão impunha ao povo, a sua máquina ainda não destruida, visando ontem impedir a nossa participação na luta ao lado das Nações Unidas e hoje lançar o país na aventura de golpes e no cáos. Em São Paulo igualmente instalaram o seu quartel general os trotsquistas, êsses inimigos do povo que aproveitando-se das dificuldades do momento e usando uma falsa fraseologia revolucionária procuram se infiltrar no seio do proletariado, tentando, principalmente, confundir a palavra segura, ordeira, clara e sincera do nosso Partido, o Partido Comunista, para conduzir o povo a ações desesperadas, demonstrando assim mais uma vez o seu carater manifesto de agentes provocadores a serviço do fascismo. São êstes aventureiros que na sua maioria infiltrados em nossa imprensa, lançam toda a sorte de calúnias, as mais vís e miseráveis, contra o movimento democrático em ascenção vitoriosa e em especial contra os comunistas.

Mas temos confiança na capacidade de luta do povo paulista. Nas suas honrosas tradições de amor à liberdade. No seu presente de trabalho pacífico e de vigilância patriótica.

De São Paulo, do seu proletariado heróico, partiram alguns dos primeiros exemplos do movimento organizado da classe trabalhadora. Depois, mais tarde, daquí também partiu a resistência contra a ascensão do fascismo em nossa terra, através do mais decidido combate aos agentes nazi-integralistas, até mesmo em lutas de ruas.

E hoje a sua contribuição à gloriosa Força Expedicionária, tendo sido a maior dentre os Estados do Brasil é o coroamento e a reafirmação de todo êsse passado.

Aos melhores filhos do povo paulista que tombaram nessa luta cruenta contra o fascismo e em defesa da liberdade e da independência da Pátria, a nossa sentida homenagem.

-

Nova é a situação do mundo após a derrota do nazismo.

Sôbre a Europa onduia a bandeira da vitória dos povos e da paz entre as Nações, como teve ocasião de afirmar em maio último, o generalíssimo Stalin, guia genial dos povos soviéticos e comandante supremo do Exército Vermelho que foi não só o construtor principal da vitória militar como também a grande fôrça moral que pelo exemplo magnífico de sua atuação mais concorreu para a elevação do nível de combatividade dos povos de todo o Mundo. E' incontestável que as vitórias do Exército Vermelho entusiasmaram o nosso povo e trouxeram-lhe, a par de novas esperanças na vitória mundial da democracia, o estímulo necessário para participar da guerra contra o nazismo, apesar das duras limitações que lhe eram impostas por um govêrno ainda reacionário e do qual participavam, como infelizmente ainda participam, reacionários notorios e velhos e conhecidos propagandistas e partidários do integralismo e do nazismo em nossa terra.

da aviação russa", sôbre pretensas "desordens" na "União Soviética", tudo visando empurrar cada vez mais os alemães para o Oriente, prometendo-se-lhes faceis vantagens e insinuando-se-lhes: "basta que inicieis a guerra contra os bolcheviques e então tudo se arranjará entre nós".

Era a política de Chamberlain e Daladier, a negregada política de não intervenção que já permitira e facilitara a agressão nazista de Franco contra o povo espanhol, depois de já haver ajudado na prática a Mussolini em sua aventura guerreira contra o povo abexin. E todos sabemos quais foram as consequências dessa política para os povos europeus que sofreram a ocupação militar nazista, a escravidão sob o chicote da Gestapo e o assassinato organizado dos campos de concentração, poloneses, dinamarqueses, noruegueses, holandeses, bélgas, franceses, iuguslavos, rumenos, búlgaros, gregos, todos os povos europeus, sofreram as consequências da política de submissão ao nazismo de seus governos reacionários e colaboracionistas.

Para Pétain, Weygand e Laval, em junho de 1940; o inimigo não era Hitler, mas Thorez e o povo francês! Sim, o povo francês que queria lutar contra Hitler e que ouvira e compreendera a palavra de Thorez em 7 de outubro de 1938 denunciando a traição de Munique: "A história registrará o pacto de Munique como a maior traição que jamais u mgoverno republicano tenha podido perpetrar contra a paz e contra a democracia". Palavras que convem lembrar porque ainda há pouco apesar da heróica luta do povo francês, com o seu Partido Comunista à frente, um general brasileiro em discurso oficial procurava tirar de Pétain e Weigand para lançar sobre os comunistas franceses as culpas da derrota de 1940 e de suas terriveis consequencias. Estranha inversão dos fatos que, no entanto, em ligação com os acontecimentos nacionais estamos em condições de bem compreender no seu verdadeiro sentido.

Mas a firme política Staliana, em defesa da paz e da democracia o pacto germanô-soviético de não agressão de agosto de 1939 e a rápida derrota dos governos de colaboração com o nazismo preparavam as condições indispensaveis para a união dos povos amantes da paz e d oprogresso, união que, nas novas condições criada pelo ataque traiçoeiro de Hitler aos povos soviéticos, iniciado em 22 de junho

novo conteúdo, de guerra progressista, guerra justa, contra o banditismo nazista, pela libertação e independencia de todos os povos.

Sabemos todos o que foi a luta heróica dos povos soviéticos em defesa da Pátria e da civilização, em defesa igualmente de tudo quanto já haviam conquistado no caminho do socialismo.

Moscou, Leningrado, Voronesck, Stalingrado permanecerão em nossa memória e serão lembrados por nossos filhos e netos como marcos decisivos na história da civilização e do progresso.

E a conferencia de Moscou unindo definitivamente as três maiores nações, veio confirmar as históricas palavras de Stalin, em 3-7-41, poucos dias depois do traiçoeiro aaque naque nazista:

"Nesta guerr alibertadora, não estamos sozinhos. Teremos nesta guerra por aliados fiéis os povos da América e da Europa, entre eles o próprio povo alemão oprimido pelos bandidos nazistas. Nossa guerra de libertação fundir-se-á com a luta dos povos da Europa e da América por sua independencia e pelas liberdades democráticas".

Na conferência de Moscou, em 1943, já ficou assegurada a unidade das forças militares aliadas; o princípio de auto-determinação dos povos foi confirmado como linha fundamentaltal para o após-guerra; resoluções já foram então tomadas sobre a democratização da Itália e a independência da Austria; e ficou ainda decidido que os criminosos nazistas seriam julgados e implacavelmente punidos no próprio teatro de seus crimes. Foi, enfim, a Conferência de Moscou um claro apelo a todos os povos para que se dependessem e lutassem unidos a exemplo das três grandes nações reunidas na capital Soviética.

E a Conferencia de Moscou seguiu-se o maior acontecimento da história da guerra a primeira reunião de Stalin, Roosevelt, e Churchill — a denominada Conferência de Teeran que decidiu da sorte final do nazismo pelo ataque sincronizado de todas as forças aliadas e mais particularmente pela abertura da segunda frente na Europa.

A politica de Teeran, como disse com acerto o camarada Browder, anula definitivamente e para sempre a política de Munique. Sim, porque o que fico udecididc em Teeran foi a ação unida e leal das três maiores democracias do mundo para a guerra contra o nazismo até sua derrota definitiva e total, mas ainda união e colaboração paar o perirodo de paz subsequente.

Agora, cabe a nós completar a vitória militar com a derrota definitiva em nossa terra dos restos ainda vivos do fascismo. Não podemos permitir que se tripudie sôbre o sangue derramado pelos nossos soldados, marinheiros e aviadores. À derrota militar torna-se imprescindível que se siga a derrota moral e política do fascismo, que marchemos sem vacilações ou retrocessos no caminho da democracia, visando sempre o progresso do Brasil e o bem estar crescente de nosso povo.

Grandes e profundas foram as modificações havidas no cenário mundial nos últimos anos. Quão diferentes da política de capitulações sucessivas ao nazismo, política de estímulo à guerra que levou a Munique e finalmente ao ataque de Hitler aos povos soviéticos, a política de colaboração dos povos amantes da paz e da democracia, política de Teerã, que assegurou a unidade para a guerra contra o nazismo e abriu a perspectiva da vitória e da colaboração para o após-guerra!

A ação conjunta das fôrças das Nações Unidas, assegurada dêsde a Conferência de Teerã, e vigorosamente posta em prática pelos golpes decisivos do Exército Vermelho, pela gigantesca operação militar que foi a invasão da Europa Continental pelos exércitos anglo-americanos, a par da heróica luta dos movimentos de resistência determinaram a rápida vitória sôbre a Alemanha nazista e a total capitulação dos restos despedaçados das divisões de Hitler.

A derrota militar do nazi-fascismo reforça, sem dúvida, a favor da democracia a correlação de fôrças mundiais. A maior parte dos povos da Europa avança decididamente no caminho da democracia e cria seus verdadeiros govêrnos, populares e nacionais. O movimento trabalhista mundial cresce e alcança novas posições cada vez mais fortes. A influência da União Soviética, como esteio máximo da democracia e fortaleza inexpugnavel do mundo socialista, é cada vez mais evidente e decisiva.

Tudo isso vem fortalecer no mundo inteiro a luta pela democracia e, em parte, facilitar a luta contra os restos ainda vivos do fascismo, cujas raízes econômicas e sociais nem mesmo na Europa foram ainda completamente estirpadas.

Mas, por outro lado, essa própria luta pela consolidação da paz, pela completa e definitiva liquidação do fascismo, determina o reagrupamento das forças da reação, a união dos elementos pró-fascismo do capital financeiro muniquista e isolacionista, de parcelas não desprezíveis da burguezia que tendo participado da guerra contra o nazismo visava a reconstrução da Europa em bases reacionárias e em proveitos dos trusts e cartéis a que sempre esteve ligada. Eliminado seu rival — o imperialismo alemão — querem agora assegurar-se essas forças mais reacionárias e poderosas dos Estados Unidos e da Inglaterra do domínio político e econômico do mundo e, isto, tanto mais rápida e brutalmente, quanto mais se alarmam com as consequências democráticas da vitória conquistada.

E' o que vem de reconhecer o presidente Truman em seu discurso de 26 de junho último ao encerrar os trabalhos da Conferência de São Francisco:

"Hitler finou-se, porém a semente espalhada por sua mente desordenada tem raízes profundas em demasiadas mentes fanáticas. A vitória no campo de batalha era essencial, porem os povos do mundo devem estar resolvidos a abater o espírito do mal que convergiu sobre o mundo durante a última decada. As forças da reação e da tirania em todo o mundo procurarão impedir que as Nações Unidas continuem vivendo em harmonia. Mesmo no momento em que a maquinaria militar do Eixo era destruida na Europa, continuava procurando dividir-nos. Fracassaram, porém voltarão a tentá-lo. Dividir e conquistar era e continua sendo seu plano".

A luta pela paz exigirá, pois, novos e crescentes esforços, a liquidação política e moral do nazismo em todo o mundo, assim como o contra-ataque sistemático às forças da reação que se reagrupam para levar o mundo a novas guerras e, mais particularmente, à agressão por elas sempre desejada contra os povos soviéticos.

Para derrotar as [illegible] **melhores condições em quase todo o** [illegible] **as três** grandes democracias é tão possivel nos dias de hoje quanto **já o foi para a** guerra e para a vitória. Para tanto existem ainda numerosas e fortes razões objetivas e materiais, mesmo porque **só pela** colaboração das três grandes nações será assegurada a paz **no mundo**, paz que reclamam todos os povos, muito especialmente **os povos** soviéticos e as grandes massas trabalhadoras da Inglaterra e dos Estados Unidos que agora mais do que nunca lutam por consolidar a amizade e a cooperação de suas pátrias com a grande pátria do socialismo.

E o próprio carater democrático dos maiores países capitalistas, onde se concentra o grande capital financeiro, enfraquece a catadura reacionária e colonizadora do imperialismo, abrindo para os povos dependentes novas perspectivas mais promissoras no caminho da luta pela emancipação nacional. Com a derrota militar do nazismo foram sem dúvida quebrados os dentes do imperialismo que já não pode agora tão facilmente apelar para os canhões em defesa de seus privilégios e da ação extorsiva que quiser continuar a exercer nos países dependentes e coloniais contra a vontade dos povos oprimidos. O capital reaacionário e colonizador foi em parte derrotado pelas Nações Unidas que segundo os têrmos da Carta do Atlântico e das decisões posteriores de Teerã a São Francisco se comprometeram a defender os povos da agressão e a não intervir em seus negócios internos. E nestas condições abrem-se agora para todos os povos, especialmente com a carta da Paz que vem de ser assinada em São Francisco pelos representantes de 50 nações, amantes da paz e da democracia, novas perspectivas mais promissoras no caminho do progresso e da emancipação política e econômica.

Entramos, sem dúvida, numa nova época.

"Terminou o período de guerra e começou o período do desenvolvimento pacífico".

Grande e profunda foi igualmente a modificação havida no cenário político nacional nos últimos tempos. A guerra precipitou os acontecimentos e, pondo em forte tensão as grandes forças materiais e morais de nosso povo, determinou modificações rápidas e por vezes surpreendentes na orientação política do governo além do reagrupamento, ainda não de todo cristalizado, das diversas tendências e correntes políticas em nossa terra. A melhor compreensão do verdadeiro sentido em que se desenvolve no momento a política nacional, assim como da posição que ocupam as diversas agrupações partidárias, exige um exame retrospectivo dos acontecimentos um balanço histórico, mesmo rápido e sumário, capaz, no entanto, de bem assinalar o que há de novo na vida política da nação e como essa vida se desenvolve hoje em sentido bem diverso daquela que levava nos anos imediatamente anteriores ao início da guerra na Europa.

E' sabido como naquela época, especialmente nos anos de 1935 a 1940, marchava nosso govêrno, e com êle a grande maioria das classes dominantes, para o fascismo, para a didatura contrária ao espírito e à letra da Constituição de 1934, para a fascistização, enfim, do aparelho estatal e completa submissão de nosso povo aos interêsses do imperialismo nazista e de seus sócios italianos e japonês. Isso acontecia na política interna de apoio e estímulo à organização integralista e de desrespeito cada vez mais acintoso aos preceitos democráticos da Constituição em vigor, especialmente no tocante à liberdade de organização das grandes massas populares, pela ação policial violenta e arbitrária contra o movimento e a organização sindical, pelo mais descarado apoio aos crimes do integralismo, pelas dificuldades opostas à organização da A. N. L. que mal pôde ter um trimestre de vida legal. E a política externa do govêrno brasileiro mostrava igualmente sua tendência para o imperialismo nazista, através dos negócios com marcos compensados que, com grave prejuizo para os interêsses nacionais, asseguravam a Hitler a constituição de seus estoques para a guerra, de algodão, café, óleos vegetais, etc., política de abertura de nossos portos a uma suposta imigração japonesa, eufemismo que mal encobria a invasão militarmente orga-

[illegible] O FIM DA GUERRA

E a politica de Teeran foi de fato realizada, mau grado a gritaria histórica dos que negavam a possibilidade de uma colaboração honesta e eficiente do mundo capitalista com a grande União dos Povos Socialistas. Fracassaram os esforços desesperados dos hitleristas de todo o mundo para dividir as Nações Unidas e no seu célebre discurso de 6 de novembro de 1944, menos de um ano após Teeran, o Generalíssimo Stalin já fazia o elogio da 2.à frene na Europa e desmascarava as manobras divisionistas dos agentes do inimigo que continuavam a explorar, como ainda hoje exploram, as inevitaveis divergencias entre as três grandes potencias aliadas. E agregava: "conhecemos a futilidade dos esforços do spol[ticos fascistas para destruir a aliança das grandes potencias. No entanto, a aliança entre nosso país, a Grã Bretanha e os Estados Unidos está baseada, não em motivos acidentais ou temporários, mas em interesses vitais e permanentes. Precisamos, não há dúvida, que assim como a aliança das três grandes potencias resistiu à prova de mas de 3 anos de guerra, levando a vitoria os povos que se ergueram na defesa de sua liberdade e honra, precisamos que resista à prova das derradeiras fases da guerra". Porque, acrescentava-se no mesmo discurso, "Nossa tarefa consiste não só em ganhar a guerra contra a Alemanha ,como tambem em tornarr impossivel que renasçam a agressão e a guerra, senão para sempre, pelo menos por um periodo considerável".

E os fatos subsequentes, a marcha inexoravel dos exércitos aliados em direção a Berlim, assim como a histórica reunião da Criméia que reafirmou as decisões de Teeran e coordenou os últimos esforços aliados no sentido de esmagamento final do nazismo, vieram confirmar e reforçar a grande aliança democrática para a guerra e para a paz, assegurar a vitória mais rápida na Europa e abrir novas perspectivas para o desenvolvimento pacífico dos povos que gemiam sob o guante da reação nazista e quinta-colunista.

3 — GUERRA NO PACIFICO

Mas simultaneamente com a guerra na Europa cresciam e tomavam formas cada dia mais violentas e atrevidas as agressões dos governantes militar-fascistas do Império Nipônico. A ocupação da Mandchuria desde 1931, seguiam-se atentados cada vez mais descarados à soberania chinesa, soberania que um governo reacionário e impopular, preocupado antes de tudo com o esmagamento daquela parcela mais adiantada da nação que já vivia em regime soviético, não esta-

va em condições de defender. Enfim, em julho de 1937 os militaristas japoneses não satisfeitos com todas as concessões já feitas pelo govêrno de Chiang Kai Chek, invadem a China propriamente dita, e só não venceram rapidament eas hostes mal armadas do Kuomintang e seu governo impopular e desmoralizado, como supunham possivel, porque, atendendo aos rieterado sapelos dos comunistas e ante o grave perigo nacional que ameaçava o povo chinês, concordaram afinal os dirigentes do Kuomintang em cessar a luta contra os comunistas e iniciar entendimentos no sentido da união nacional de todo o povo chinês contra o agressor japonês. E só assim, graças a essa frente única nacional do Kuominang com os comunisas, frente única ameaçada por vezes de ruura em consequencia da ação criminosa dos agentes quinta-colunisas do Japão no seio do próprio govêrno de Chiang Kai Chek, foi possivel à República Chinesa resistir heroicamente ao agressor, inflingir-lhe derrotas esmagadoras e baixas catastróficas, assim como passar da categoria de poivo dependente e desprezado à grande potencia, digna de participar ao lado das maiores nos grandes conselhos mundiais.

As derrotas na China não impediram, no entanto, que os governantes militares do Japão prosseguissem no caminho da agressão e finalmente se lançassem, em dezembro de 1941, contra o povo norte-americano e as principais colônias inglesas e holandesas do Pacífico onde lhes foi relativamente facil, no primeiro instante, derrotar as forças metropolitanas de ocupação que, como é compreensivel, não puderam em tal emergencias contar com o apoio indispensavel dos povos que oprimiam. Hoje, finda a guerra na Europa concentram-se no Pacífico as forças armadas dos Estados Unidos e da Grã Bretanha que pelo seu incontestavel poderio estão sem dúvida em boas condições para levar a termo a guerra contra o imperialismo agressor do Japão obrigando seus dirigentes militar-fascistas a uma rápida completa e incondicional capitulação. Mas para que isso se dê torna-se indispensavel reconhecer o grande e decisivo papel do povo chinês e de todos os demais povos asiáticos dependentes e oprimidos, na luta contra o agressor japonês. A vitória sobre o Japão será tanto mais rápida e facil, quanto maior for o auxilio material ao povo chinês e o apoio político das Nações Unidas à liberdade, independencia e união de todos os povos asiáticos. Assim como o Exército Vermelho foi na Europa, em sua luta contra o nazismo, o grande instrumento de libertação dos povos, é de eesperar que as forças armadas nizada de nossa terra por dezenas e centenas de milhares de súditos do militarismo japonês, em flagrante desrespeito aos artigos constitucionais que limitavam a menos de 3.000 a entrada anual em nossa terra de imigrantes japoneses; política de apoio ao bandido Mussolini em sua brutal agressão ao povo abexim; política, enfim, de franca solidariedade com os militares reacionários que com o traidor Franco à frente, assaltaram o grande povo espanhol, assassinaram-no aos milhões com as armas nazi-fascistas, para submetê-lo enfim à exploração do imperialismo de Hitler e Mussolini.

Naquela época soube o nosso Partido, apesar da vida clandestina a que estava forçado, enfrentar os acontecimentos e despertar o nosso povo para a luta contra a fascistização e o integralismo, mobilizá-lo em defesa da democracia tão ameaçada. Sabemos todos o que foi o surto magnífico do grande movimento popular aliancista, cuja vida legal foi de tão curta duração. Evidentemente grandes foram naquela época nossos erros e numerosas nossas debilidades. Não conseguimos, principalmente, romper com o sectarismo e dar a A.N.L. a amplitude de frente-única nacional anti-fascista, popular e democrática que devia ter Não negamos os nossos erros, mas é de reconhecer e proclamar o quanto foi justa nossa atividade ao lutar com firmeza, energia e coragem em defesa da democracia. Nosso êrro naquela época não foi o de empunhar armas contra o fascismo, mas o de não estarmos orgânicamente à altura dos acontecimentos e de não sabermos ainda nos defender, e conosco ao nosso povo, das provocações fascistas. Caímos lutando, mas temos a glória de havermos lutado com sinceridade e patriotismo pelo progresso e a liberdade de nosso povo.

Que faziam então os políticos da burguesia, muitos dêles em oposição formal ao govêrno da época? No Parlamento de que dispunham, salvo honrosas exceções que se contam pelos dêdos, nada diziam contra o fascismo e tudo cediam ao govêrno de reação incapazes que eram de defender o espírito e a própria letra da Constituição. A burguesia pela sua imprensa e pelos seus representantes no Parlamento, com medo do povo e em particular dos comunistas e do grande movimento popular, libertador e democrático, da A.N.L., tudo cedia ao govêrno reacionário, já então de mãos dadas ao nazi-integralismo Basta enumerar: Lei de Segurança, contra o espírito da Constituição; silêncio de aprovação ante o fechamento ilegal da A.N.L.; emendas inconstitucionais de dezembro de 1935, origem do artigo 177 da carta de 10 de novembro de 1937; todos os estados de guerra em plena paz, reclamados pelo govêrno; nenhuma atitude contra as torturas e assassínios policiais; concessão de um tribunal de exceção enxertado na Justiça Militar contra a letra da Constituição; e, finalmente, a aceitação como verdadeiro do imundo papel Cohen, que todos sabiam ser falso, para justificar o último estado de guerra, que levou à preparação e desfecho do golpe de Estado de 10 de novembro de 1937.

E' claro que os políticos burgueses com medo do povo, trataram de desmoralizar o Parlamento e a democracia, e tudo cediam ao govêrno que tentava amarrar nosso povo ao carro, que no mundo parecia a êles então vitorioso, do imperialismo nazista. Naturalmente, com o golpe de 10 de novembro acentuou-se mais ainda em nossa terra a marcha, para o fascismo, apesar da rápida desmoralização do integralismo que, após o movimento aliancista de novembro de 1935, passava a exercer simples papel de brigada de choques da polícia estúpida e assassina e que posteriormente dissolvido, por inútil e prejudicial à demagogia da ditadura e à sua atitude de apoio à política democrática de bom vizinho de Roosevelt, fôra levado ao golpe desesperado e assassino de maio de 1938. Mas o mundo capitalista continuava marchando para o fascismo, e, com o início da guerra e as rápidas vitórias de Hitler na Europa, a fascistização de nossa terra e mais particularmente de nosso govêrno atinge seu auge em junho de 1940, quando da ocupação da França.

Motivos vários, econômicos e políticos, internos e externos, salvaram-nos, no entanto, do fascismo, da entrega de nosso povo ao imperialismo nazista e de sua submissão direta aos assassinos

da Gestapo. Havia sem dúvida, na política externa de nosso govêrno um lado positivo, progressista e democrático — sua persistente adesão à política de solidariedade continental, à política rooseveltiana de boa-vizinhança. E graças a isso, já em 1941 cedia nosso govêrno ao povo norte-americano, bases navais e aéreas no norte e nordeste do país — concessão evidente a um govêrno democrático para maior eficiência de sua luta contra o nazismo e que não podia deixar de ter, como de fato teve, repercussão na política geral do govêrno, começando a inverter seu sentido e a negar na prática a tendência pró-nazismo de seus mais destacados componentes.

Mas foi incontestavelmente o ódio de nosso povo ao fascismo, sua atitude persistente e constante em defesa da democracia, seu entranhado amor aos que sofriam nos cárceres da reação, a grande força que conseguiu afinal obrigar os governantes a fazer pouco a pouco, volta atrás em suas tendencias mais contrárias às tradições democráticas de nosso povo.

E essa volta atrás seguiu o caminho que todos conhecemos: solidariedade ao povo norteamericano, quando do ataque nipônico a Pearl Harbour; rutura de relações diplomáticas com os governos do Eixo, em janeiro de 1942; estado de beligerância reconhecido em agosto do mesmo ano, após o ataque traiçoeiro e covarde à nossa navegação de cabotagem; e, finalmente, preparo e mobilização da Fôrça Expedicionária que, em 1944, seguia para a Itália, onde iria participar ao lado de nossos aliados da grande luta pelo esmagamento militar, definitivo e completo, dos exércitos nazi-fascistas.

O ódio anti-fascista de nosso povo, tantas vezes manifestado, teve afinal na F.E.B. sua melhor, mais forte e gloriosa corporificação. Ao sangue britânico, soviético, americano foi juntar-se também o sangue generoso de nosso povo e hoje, graças ao heroismo de nossos soldados e oficiais, entre as bandeiras vitoriosas sôbre o cadáver nazista ondula igualmente a bandeira de nossa Pátria. Foram estas, até o fim do ano último, as grandes vitórias de nosso povo no caminho da democracia, vitórias que sendo do povo o foram também e principalmente do proletariado e do seu partido de classe, o nosso Partido, o Partido Comunista do Brasil.

Sim, companheiros, porque apesar das terriveis consequências que teve para o nosso Partido a derrota de 1935, apesar da brutalidade infame contra nós empregada pela polícia fascistizante de Felinto Muller e de seus asseclas nos Estados, apesar dos golpes sucessivos sofridos durante anos seguidos pela nossa organização, apesar da campanha sistemática de difamação e calúnias que contra nós foi movida apesar de tudo quanto foi feito naqueles anos de reação visando o esmagamento de nosso Partido, ele sempre conseguiu sobreviver a todos os golpes e, vencendo dificuldades mil jamais deixou de atuar junto ao povo, organizando-o na medida de suas fôrças, orientando-o e esclarecendo-o na luta contra o fascismo de ma neira a impedir que se consumasse a entrega do país à Gestapo.

O que é incontestável no entanto foi nossa decidida e ativa participação na luta pela derrota militar, política e moral do nazi-fascismo, e foi êsse processo que com a aproximação do fim da guerra na Europa, e com a agravação crescente da crise interna, entrou em rápido amadurecimento, criando em nossa terra as condições para a eclosão da democracia no país, a rutura na prática de tôda a legislação reacionária que vinha há tantos anos tolhendo as mais elementares liberdades civís.

Depois de quase dez anos de censura a imprensa, cedia o govêrno aos anseios populares, e o direito de livre manifestação do pensamento, o de reunião e associação ,o próprio direito de greve eram ràpidamente reconquistados. E o govêrno, mau grado sua composição em nada modificada, continua a ceder no caminho da democracia. Estabelece relações com os povos soviéticos, concede anistia aos presos políticos, convoca o povo para eleições e sanciona a lei eleitoral que assegura o sufráagio universal direto, secreto e obrigatório.

aliadas no Pacífico saibam derrotar o militarismo japonês assegurando a independencia efetiva, política e econômica, do povo chinês e demais povos asiáticos, oprimidos hoje pelo imperialismo japonês como já o eram antes pelos imperialistas europeus e americanos.

Para acabar com o militarismo japonês no mais breve prazo possivel o essencial é armar o povo chinês, auxiliá-lo materialmente e permitir que resolva livre e soberanamente suas questões de política interna afim de alcançar a verdadeira uniã onacional indispensavel a vitória sobre o agressor, união nacional defendida pelos comunistas e todo s os patriotas, mas ainda hoje dificultada pelos figurantes mais reacionarios do Kuomintang, agentes da quinta-coluna japonesa e dos banqueiros reacionários do isolacionismo americano e do muniquismo inglês.

E é porque vemos na guerra contra o agressor japonês, antes e acima de tudo numa guerra pelo progresso e independência dos povos asiáticos, que aplaudimos e apoiamos o ato último de nosso govêrno que, cumprindo obrigações anteriormente aceitas em consequência de sua política de solidariedade continental, declarou formalmente a nossa Pátria em estado de guerra com o império nipônico.

4 — NA AMÉRICA LATINA

Na América Latina foram igualmente sensiveis as consequências econômicas e políticas do avanço nazi-fascista pelo mundo. Povos ainda atrazados, dependentes do imperialismo e em geral sujeitos a governantes sempre dispostos à capitulação ao capital estrangeiro em proveito dos interesses mais estreitos e egoistas de pequenas camarilhas das classes dominantes, foram, naqueles anos de avanço de fascismo pelo mundo, vítimas das maiores, da exploração mais impiedosa dos agentes do imperialismo fascista e da opressão policial terrorista de seus governantes, o sconhecidos ditadores sul-americanos cujos nomes se sucedem, especialmente a partir da grande crise de 1929, em série infelizmente ainda inacabada: Machado, Gomes, Ibanês, Uriburu, Terra, Sanches Serro, Ubico, etc. Apoiados em gente dessa especie avançaram os nazistas em nosso Continente e tudo fizeram para organizar seus bandos de assassinos com camisas de todas as cores, visando, como sempre e por toda a parte, a exploração de nossos povos, a liquidação de que havia de organizador no movimento operário e camponês progressista, a dissolução dos Partidos Comunistas e, geralmente em nome da luta contr ao imperialismo inglés e americano, à completa liquidação de verdadeiro movimento pela liber-

dade e independencia nacional de cada um de nossos povos.

Nada disso, porem, conseguiu vencer o ódio anti-fascista dos povos do Continente que, sob a liderança de seus melhores e esclarecidos filhos, patriotas que saiam igualmente da massa trabalhadora como do meio da burguesia nacional progressista, souberam sempre defender a democracia e o progresso e lutar sem desfalecimento pela grande causa da liberdade e independencia de todos os povos.

Fator positivo em tal emergencia foi sem dúvida a grande política rooseveltiana de boa vizinhança que permitiu a consolidação da solidariedade pan-americana, arma política e econômica das mais eficientes na luta de nossos povo scontra a penetração nazista, em defesa da democracia. De destaque foi igualmente na luta contra o fascismo em nosso Continente o papel exercido pela CTAL, a grande união operária, que, sob a direção de Vicente Lombardo Toledano, campeão da luta pela democracia no Continente, fez ouvir seu brado anti-fascista mesmo por cima das fronteiras fechadas pelas policias e pelas censuras dos ditadores que eventualmente oprimiam a cada um de nossos povos.

A guerra contra o nazismo veio reforçar os laços de solidariedade pan-americana, especialmente a partir do ataque nipônico a Pearl Harbour que nos colocou frente à necessidade e à obrigação imprescritiveis de participar da defesa do Continente ao lado do grande povo norte-americano. E, mau grado a ação derrotista e infame da quinta-coluna, dos reacionários e dos fascistas que faziam a mais insidiosa campanha, tentando levantar velhos agravos e desconfianças a respeito do imperialismo inglês e americano, apoiados pelo povo, foram os govêrnos latino-americanos, um a um levando seu paises ao bloco das Nações Unidas e à participação na guerra contra o nazismo, na proporção das possibilidades materiais de cada um, e do niveln a que atingira em cada povo a organização anti-fascis-foi ?na—fdennpe m m m m mfpyk ta da classe operária e das grandes massas populares.

A Unidade Continental se reforça, mas ao mesmo tempo o inimigo redobra sua atividade e não cessa de conspirar, atiçando conflitos entre os povos para divid|-los e criar novos centro de reação no Continente. Foi o que aconteceu com o povo argentino surpreendido pelo golpe de estado de 4 de junho de 1943, cujos dirigentes, em nome d aluta contra o governo anti-democrático de Castilho, implantaram no país um regime de terror fascista, liquidaram o movimento operário e permitiram durante

Se os homens que nos governam são ainda hoje quase os mesmos que levaram o país ao golpe de 1937 e à reação fasticiszante dos anos seguintes força é reconhecer que souberam ceder às novas circunstâncias e fazer em tempo volta atrás no caminho que trilhavam, cedendo enfim aos reiterados anseios do povo, que sempre soube manifestar seu ódio anti-fascista e lutar sem desfalecimento pela democracia.

E nestas condições, é evidente que se abriram agora novas possibilidades para a organização do proletariado e das grandes massas trabalhadoras do campo e das cidades e melhores perspectivas para a rápida mobilização política e unificação das mais amplas camadas sociais visando sempre a união nacional indispensável à completa liquidação do fascismo em nossa terra, passo primeiro para a solução efetiva, sem maiores choques e atritos dos graves problemas econômicos e sociais da hora que atravessamos.

As vitórias alcançadas nesses últimos meses confirmam a justeza de nossa luta em defesa de uma saida pacífica e ordeira no caminho da democracia, do progresso e do bem estar crescente do nosso povo.

E' certo que o país atravessa um dos momentos mais graves da sua história. A miséria e a fome alcançam dia a dia camadas cada vez mais amplas de nosso povo, que, se já era vítima secular do primitivismo de nossa economia, da exploração do capital estrangeiro e dos senhores que manopolizam a propriedade da terra, sofre agora mais do que nunca com o encarecimento crescente do custo de todos os víveres e demais artigos indispensáveis à própria subsistência. O golpe de 10 de novembro de 1937 trouxe-nos a inflação, as emissões sem controle para cobrir "deficits" orçamentários resultantes das obras suntuárias e de fachada indispensáveis aos governos ditatoriais e "salvadores". Segundo o sr. Eugenio Gudin, em publicação recente, os meios de pagamento (papel moeda em circulação, mais os depósitos bancários à vista reduzidos dos respectivos encaixes) foram multiplicados por cinco nos dez anos últimos. Passaram de 8 a 40 bilhões de cruzeiros.

Não é esta a oportunidade de fazermos uma análise mais detalhada das causas originais da inflação e das medidas que julgamos indispensáveis para fazer cessar ou pelo menos, de início, refrear o ritmo crescente em que se processa. E' necessário, sem dúvida, e urgente, lutar contra a inflação no sentido de encontrar uma saida imediata e prática para o círculo vicioso em que nos encontramos de aumentos de salários, seguidos de aumentos ainda maiores nos preços de todos os produtos e serviços, crescimento das despesas públicas, dónde novas emissões e impostos, maiores preços ainda, novos aumentos de salários e reinicio do ciclo em ritmo cada vez mais rápido e assustador.

A falta de gêneros para o normal abastecimento das cidades, o exôdo rural, a própria crise que atravessam os produtores de café e de algodão, apesar da proteção com que sempre contaram, dizem das raizes profundas do desequilibrio econômico a que chegamos. Os paliativos nada mais resolvem e talvez já não sirvam nem mesmo para ganhar tempo. E' o que acontece com o Plano de Emergência agora em discussão. Enfrenta problemas superficialmente apreciados, e, como não podia deixar de ser, chega a remédios ilusórios, que virão agravar e precipitar a crise inflacionária de onde quer que se tire o bilhão de cruzeiros a ser distribuido entre os grandes fazendeiros para que prossigam em nome da "lavoura" sua principal atividade de comerciantes usurários, açambarcadores de gêneros e especuladores na compra e venda de terras e palácios. Não é colocando dinheiro barato nas mãos dos fazendeiros ricos e protegidos que se faz cessar o êxodo rural, pois como é sabido, são os camponeses mais pobres, colonos e arrendatários, os que produzem gêneros de primeira necessidade e não os fazendeiros donos da terra, que não se interessam por tais ninharias... Para abastecer as cidades os remédios são outros. O Plano de Emergência virá sómente acelerar o processo da inflação e precipitar os acontecimentos, exigindo para sua solução que sejam entregues sem mais demoras à massa camponesa sem terra, gratuitamente, as terras utilizaveis junto aos grandes centros de consumo e ao longo das vias de comunicação já existentes.

Já está visto o que há de precário e fictício na tão proclamada prosperidade em que nos achariamos. Nem o govêrno resultante do movimento de 1930, nem o "Estado Novo", conseguiram resolver as profundas contradições econômicas que impedem o desenvolvimento econômico do país e que resultam da própria estrutura tradicional de país semi-feudal e semi-colonial. As velhas oligarquias de grandes senhores da terra impediram, tanto sob a monarquia, como depois sob a República, o desenvolvimento agrícola-industrial do país, mas nos últimos 15 anos a partir da grande crise de 1929, a preocupação máxima dos governantes continuou a mesma — enganar a nação com paliativos e planos, fazer propaganda de uma prosperidade fictícia que só beneficiava a uma minoria de argentários nacionais e estrangeiros, tudo com a preocupação máxima de impedir o verdadeiro progresso nacional, mesmo á custa das mais duras e impiodosas medidas de repressão policial, quando assim se tornava indispensavel para abater os incréus da propaganda oficial e os "rebeldes", que insistiam em lutar contra o atraso do país e o próprio aniquilamento físico cada vez mais evidente do nosso povo.

A crise econômica que atravessamos tem, pois, raizes muito mais profundas do que geralmente supõem os economistas e teóricos das classes dominantes, reflete, pela própria inflação, pelo mal-estar crescente, pela evidente ineficiência dos remédios apontados pelos charlatões salvadores de uma ordem social caduca a contradição fundamental que urge resolver entre as forças de produção em crescimento no mundo inteiro e uma infra-estrutura econômica secularmente atrasada, em que os restos feudais lutam por sobreviver em plena época da Revolução Socialista e da vitória do socialismo numa boa parte da terra. E, devido a isso, torna-se cada vez maior o nosso atraso, porque, se não regredimos, passa-se conosco o mesmo "atraso progressivo" a que se referia Lenine em 1913 quanto à Rússia tzarista, que se atrasava cada vez mais com o correr do tempo.

Sim, porque basta um exame mesmo superficial do que eram as condições de vida das grandes massas de nossa população, no fim do segundo reinado, em comparação com a situação atual, para nos convencermos de sua enorme agravação. Os observadores superficiais falam muito em progresso, mas que significa este aparente progresso, para a grande maioria do nosso povo?

Há evidente confusão, mesmo entre os bons patriotas e os mais bem intencionados dos homens, a respeito do que seja progresso. Este não pode consistir na criação de alguns centros civilizados, com serviços públicos mais ou menos organizados e geralmente nas mãos de empresas estrangeiras, no desenvolvimento forçado de uma indústria secundária, sem base, destinada ao enriquecimento de uma minoria de argentários sem escrúpulos, no estímulo à importação de artigos de luxo, etc., enquanto a miséria e a opressão da grande maioria da população do país crescem cada vez mais.

Não; isso não é progresso. Não é, pelo menos, o progresso que almejamos, progresso que precisa ser, antes de tudo, a negação da pobresa e da miséria, da ignorância e do atraso em que ainda hoje vegetam milhões de brasileiros. Cêrca de setenta por cento do nosso povo vive no campo nas condições que todos conhecemos. São trinta milhões de brasileiros que, na sua grande maioria, não possuem nem ao menos o pedaço de terra em que trabalham, vivem por favor nas terras do senhor, sujeitos a um regime patriarcal e semi-feudal, a limitações e imposições de toda sorte, reduzidos à categoria de casta inferior e sem direitos. Mesmo em São Paulo é ridículo o número de propriedades e consideravel o número de camponeses sem terra; a cêrca de 1 milhão de trabalhadores agrícolas correspondem no Estado 167.589 propriedades somente, o que significa que nunca menos de 800 mil são os camponeses sem terra neste grande Estado. Mas, além disso a própria distribuição daquelas propriedades mostra o predomínio do latifúndio na economia agrária do Estado. E o latifúndio é a devastação da terra, a marcha para o Oeste, deixando atrás de si a erosão avassaladora. E' o latifúndio a causa do êxodo rural para as cidades e os Estados vizinhos, e, com isso, a substituição crecente da lavoura pela pecuária em muitas regiões do Estado.

mais de um ano o franco desenvolvimento da quinta-coluna nazi-falangista e da espionagem anti-democrática no Continente. Orientação de que só ultimamente evém, pouco a pouco, se afastando o governo argentino de Farrel-Peron, após a declaração d eguerra à Alemanha nazista e consequente adesão aos principios de Chapultepec e São Francisco. E ao golpe argentino sucederam-se os não menos reacionários contra Penaranda, na Bolivia, contr ao Presidente Lopes, na Colombia, e inúmeras outras tentativas por todo o Continente. E 'de salientar nessa atividade anti-democrática o papel destacado dos agentes da Falange e da diplomacia franquista em nosso paises, associados no caso particular de nossa terra com os representantes do salazarismo autoritário. E' evidente que a paz, a democracia e o progresso do Continente e dos próprios povos escravizados da Peninsula Ibérica estão a exigir, cada vez mais, de nossos governos a rutura de relações com os bandos reacionários e fascistas de Franco e Salazar. E, por outro lado, a unidade continental formalmente assegurada em conferências como a de Chapultepec, última realizada, precisa ser assegurada na prática pela democracia interna de cada país, especialmente no Paraguai e Argentina, onde são numerosos ainda os presos e perseguidos políticos, cuja liberdade reclamamos dessa tribuna seguros de interpretar o sentimento unânime de nosso povo.

5 — A DERROTA MILITAR DO NAZISMO E A COLABORAÇÃO PARA A PAZ

A derrota militar da Alemanha nazista foi uma grande vitória democrática, pois, abre o caminho para a completa destruição do fascismo na Europa e enfraquece as forças da reação e do fascismo por toda a parte.

A derrota militar do nazi-fascismo, vem reforçar a favor da democracia a correlação de forças sociais no mundo inteiro. Os povos da Europa criam seus verdadeiros governos, populares e nacionais. Cresce o movimento trabalhista mundial e o proletariado organizado exerce influência cada vez maior, assegurando por toda a parte a marcha cada vez mais rápida e firme no caminho da democracia e do progresso. E como fator decisivo levanta-se gigantesca e inexpugnavel coluna máxima da democracia, a União Soviética, o mundo novo do socialismo, mundo de porvir para todos os povos.

Mas por outro lado, essa própria luta pela consolidação da paz, pela completa e def3initiva liquidação do fascismo determina o reagrupamento

das forças da reação, a união dos elementos pró-fascismo de Capital financeiro muniquistas e isolacionista, de parcelas não despreziveis da burguesia que tendo participado da guerra contra o nazismo visava a reconstrução da Europa em bases reacionárias e em proveito dos trustes e carteis a que sempre esteve ligada. Eliminado seu rival — o imperialismo alemão — querem agora assegurar-se essas forças mais reacionárias e poderosas dos Estados Unidos e da Inglaterra, do domínio político e econômico do mundo e, isto, tanto mais rápido e brutalmente, quando mais se alarmam com as consequências democráticas da vitória conquistada.

A luta pela paz exigirá, pois, novos e crescentes esforços, a liquidação política e moral do nazismo em todo o mundo, assim como o contra-ataque sistemático às forças da reação que se reagrupam para levar o mundo a novas guerras, e, mais particularmente, à agressão por elas sempre desejada contra os povos soviéticos.

Para derrotar as forças da reação existem, no entanto, as melhores condições em quase todo o mundo. A colaboração entre as três grandes democracias é tão possível nos dias de hoje quanto já o foi para a guerra e para a vitória. Para tanto existem ainda numerosas e fortes razões objetivas e materiais, mesmo porque só pela colaboração das três grandes nações será assegurada a paz que reclamam todos os povos, muito especialmente os povos soviéticos e as grandes massas trabalhadoras da Inglaterra e dos Estados Unidos que agora mais do que nunca lutam por consolidar a amizade e a cooperação de suas pátrias com a grande pátria do socialismo.

E o próprio caráter democrático dos maiores paises capitalistas, onde se concentra o grande capital financeiro, enfraquece a catadura reacionária e colonizadora do imperialismo, abrindo para os povos dependentes novas perspectivas mais promissoras no caminho da luta pela emancipação nacional. Com a derrota militar d onazismo foram sem dúvida quebrados os dentes do imperialismo que já não pode agora tão facilmente apelar para os canhões em defesa de seus privilégios e da ação extorsiva que quiser continuar a exercer nos paises dependentes e coloniais contra a vontade dos povos oprimidos. O capital reacionário e colonizador foi em parte derrotado pelas Naões Unidas que segundo os termos da Carta do Atlântico e das decisões posteriores de Teeran e São Francisco se comprometeram a defender os povos da

A pequena propriedade quase nada significa na economia rural do Estado. De' outro lado, sitiantes e colonos proprietários vivem em geral na miséria, e não podem por vezes nem ao menos defender a posse da terra em que trabalham, sempre ameaçados pela ação nefasta e cada vez mais cínica e brutal dos grileiros audaciosos e bem protegidos.

O que é incontestável é que o grande latifúndio, a grande propriedade monopólio de uma minoria exploradora, constitue a causa máxima e fundamental do atraso do país. São milhões de sêres humanos que vivem afastados do mercado, fator nulo em nossa economia, porque na verdade, nada vendem nem compram, mal plantam para comer, porque a metade e às vezes mais, do que produzem pertence por direito feudal aos donos das terras, aos grandes fazendeiros que ainda hoje exercem predomínio no governo do país.

E' irrisório, por isso, pensar em desenvolvimento da indústria nacional sem que se inicie ao menos a solução dessa contradição fundamental entre o crescimento das forças produtivas e a miséria do mercado interno, impossibilitado de crescer em consequência das formas semi-feudais da propriedade, da exploração e do trabalho. E é a indústria de São Paulo, por ser a maior do país e do Continente, a que mais precisa de um vasto mercado, indispensável, como é evidente, ao seu ulterior desenvolvimento.

Mas o desenvolvimento harmônico da economia exige ainda a revisão dos contratos lesivos aos interesses nacionais feitos em geral com os banqueiros estrangeiros representantes do que há de mais reacionário do capital monopolista, e colonizador; exige a liberdade cada vez maior para o comércio interno, com redução ao mínimo dos impostos e barreiras interestaduais e municipais e quaisquer outras limitações à sua mais completa expansão; exige o reequipamento e melhoria das vias férreas e o mais rápido desenvolvimento de todas as vias de comunicação, terrestre, marítimas, fluviais e aéreas; exige, enfim, o emprêgo mais util e justo de renda pública, que precisa ser destinada, antes e acima de tudo, aos serviços de educação e saúde popular, visando o combate sério e decisivo ao analfabetismo, à ignorância, às doenças e endemias que dizimam o nosso povo.

Mas a solução de todos êsses problemas exige a mais ampla e sólida união nacional, a colaboração sincera e leal de todos os verdadeiros patriótas, independentemente de categoria social, ideologias políticas e credos religiosos. E isto é praticamente possível porque os problemas que enfrentamos, dada a estrutura econômica de nosso país, são no essencial problemas da revolução democrático-burguesa, todos êles resolvidos nos paises de normal desenvolvimento capitalista. Sua solução interessa sem dúvida ao proletariado, que, em paises como o nosso sofre muito menos da exploração capitalista do que da insuficiência do desenvolvimento econômico capitalista, mas interessa, igualmente, e muito mais ainda, à burguesia nacional progressista, que luta contra a concorrência de uma indústria estrangeira poderosa e moderna, nas condições de um mercado interno miserável que impede o surto industrial ou mesmo comercial considerável.

A união nacional é necessária e indispensável ao progresso do país. A união nacional é, sem dúvida, possível nas condições atuais da nossa terra. E' a grande aspiração das massas trabalhadoras. E não são poucas nos últimos tempos as manifestações de homens de prestígio, dirigentes muitos dêles das mais conhecidas e tradicionais associações patronais, reconhecendo a necessidade da união nacional como único caminho acertado através do qual poderemos resolver os graves problemas da economia nacional, entre êles o fundamental do "pauperismo", da elevação ponderável e rápida do *standard* de vida das grandes massas trabalhadoras. Mas a união nacional é ainda difícil em nossa terra, a verdadeira união por que lutamos e consideramos necessária, união de todos os brasileiros progressistas e democratas, que compreendam a necessidade de liquidar os últimos restos do fascismo e da quinta-coluna em nossa terra e de romper com todos os obstáculos que ainda impedem a livre e rápida expansão do capitalismo no país. São êsses resíduos de uma velha ordem social pre-capitalista, ainda não liquidados em nossa terra pela revolução democrático-burguesa, que fazem do Brasil, até os dias de hoje, um país profun-

-damente reacionário, onde, de fato, não será fácil criar uma força verdadeiramente democrática e anti-fascista capaz de dirigí-lo no caminho do progresso, da liberdade e da civilização. Mas, conhecidas as dificuldades a vencer, cabe-nos fazer esforços cada vez maiores no bom caminho e esclarecer de tal maneira o nosso povo que os campos de luta se definam cada vez melhor, obrigando a todos, homens e partidos políticos, a definir-se, a situar-se no campo democrático e progressista ou no da reação desmascarada. E' o que já vai acontecendo, graças à atividade legal das últimas semanas e ao magnífico trabalho de esclarecimento que vem fazendo a nossa imprensa, ainda pobre e pouco desenvolvida, mas já digna pela sua coragem e desassombro das gloriosas tradições de nosso Partido. O inimigo, como não podia deixar de ser, apresenta-se pelos dois lados: de um são os "esquerdistas" que, influenciados pela canalha trotskista, acusam os comunistas de "getulismo", de submissão à "ditadura", de procurarem fazer coalisões sem princípios com as forças mais reacionárias; de outro, são os representantes das velhas oligarquias e agentes do capital estrangeiro mais reacionário, que acusam de "nova manobra comunista", visando acelerar o processo revolucionário. a unidade nacional por que lutamos. A uns e outros o que interessa é impedir a união nacional, é impedir a liquidação do fascismo e da quinta-coluna, é manter divisões artificiais entre as forças progressistas dos diversos setores sociais. O que essa gente visa, reacionários conhecidos e "esquerdistas" de todas as tendências, é barrar o processo de democratização do país, é lançar ainda uma vez brasileiros contra brasileiros, em benefício do fascismo e dos exploradres nacionais e estrangeiros, do nosso atrazo e da miséria e ignorância de nosso povo.

Não fazemos cambalachos nem temos compromissos com ninguém, já o dissemos. Se apoiamos o govêrno é porque marcha para a democracia e enquanto assim proceder. Nisso não há manobra oculta. Nosso apoio é franco, aberto e decidido, porque vemos os pregadores da desordem, dos golpes "salvadores", agentes mascarados, concientes ou inconscientes, não importa, da provocação fascista.

Devemos reconhecer que são inúmeros ainda os patriotas e democratas sinceros sob a influência dos inimigos da unidade nacional e que muito ainda cabe fazer para esclarecer não só ao proletariado e às grandes massas rurais, como também à pequena burguesia, especialmente aos intelectuais, vítimas mais fáceis dos "esquerdistas" e trotskistas, e a boa parte da burguesia progressista, naturalmente predisposta a acreditar na literatura terrorista dos escribas do fascismo, os jornalistas bem alimentados que não cessam de assustá-la com "as manobras comunistas", senão com o velho e já batido "perigo comunista".

Nossa tarefa fundamental, porém, está em organizar o povo, as mais amplas camadas sociais de nossa população do campo e da cidade, afim de atraí-las à vida política, à luta por suas reivindicações imediatas, à melhor compreensão dos perigos que a ameaçam. Será essa a maneira mais prática de marcharmos para a democracia, de unirmos a todos os patriotas independentemente de diferenças sociais e ideológicas, de pontos de vista políticos e de crenças religiosas. Depois de tantos anos de reação e inatividade política, será essa a única maneira de reeducar o povo no caminho da democracia pela sua prática verdadeira e sincera, coisa das mais necessárias em nossa terra onde, a não ser o nosso Partido, permanentemente perseguido e reduzido até ontem à vida ilegal, jamais existiram, no Brasil, verdadeiros partidos democráticos, ligados ao povo e capazes de organizá-lo, partidos cujos dirigentes fôssem escolhidos democraticamente e não impostos de cima pelos chefes e "coronéis" das oligarquias dominantes.

Os *Comités Democráticos Populares* que já se vão organizando por todo o país serão como que as células iniciais do grande organismo democrático capaz de unir o nosso povo e de guiá-lo no caminho da democracia e do progresso. Os Comités Populares falarão a voz do povo, dirão de sua vontade, suas reivindicações imediatas e permitirão que se revelem os verdadeiros líderes populares, homens e mulheres, jovens e velhos, que falem a linguagem do povo e sejam de fato os melhores na defesa dos seus interesses e na luta pelos direitos do próprio povo. E por isso nesagressão e não intervir em seus negócios internos. E nestas condições, abrem-se agora para todos os povos, especialmente com a Carta da Paz que vem de ser assinada em São Francisco pelos representantes de 50 nações, amantes da paz e da democracia, novas perspectivas mais promissoras no caminho do progresso e da emancipação política e econômica.

Escritas já há dias estas palavras, acabam agora mesmo de ser confirmadas por dois acontecimentos políticos de máxima importância e significação mundial. Refiro-me à vitória eleitoral do Partido Trabalhista, vitória da unidade do povo inglês, forjada na guerra contra o nazismo, em que tão grande e heróoca foi sua atuação.

E em seguida, tivemos a publicação das decisões de Potsdam — contribuição das mais poderosas para a consolidação da paz e da segurança mundial, em bases permanentes. Além da completa destruição do nazismo que torna a Alemanha inofensiva, a exclusão do governo de Franco do meio das Nações Unidas e mais uma vitória da democracia e particularmente da política consequentemente anti-muniquista da União Soviética. Foi afinal derrotada de maneira definitiva aquela cínica e imunda política de "não-intervenção" que permitiu a Hitler e Mussolini o assalto assassino contra a República Espanhola, cujo ressurgimento já não poderá agora tardar.

Em nome das mulheres de S. Paulo

Discurso de LUIZA AZEVEDO BRANCO

São Paulo! Aquí está Prestes. Luiz Carlos Prestes aqui está!! Não, não é mera ilusão. E' a realização de um sonho que nós, o Povo, que nós, paulistas, acalentamos há um decenio. E' para que estes dois gigantes pudessem ser apresentados um ao outro, o Povo e Prestes, era preciso o cenário grandioso do Pacaembú torná-lo vivo, vibrante, maior na sua grandiosidade e... gota minúscula do oceano Brasil. Povo, aquí está Prestes. Eis o Cavaleiro da Esperança que galopou no espaço através do Brasil todo, semeando heróis, mártires e vencedores na sua Coluna Invicta. Que galopou no tempo, durante todos os amargurados segundos dos minutos de sofrimento e dor

destes últimos dez anos, até conquistar o título que a História lhe confere: Cavaleiro da Realidade. Mas, perdão, ó Povo, que a tua alegria, as tuas palmas, as tuas aclamações e até as lágrimas de contentamento que vêm umedecer os lábios que sorriem, demonstram que conheces muito a Luiz Carlos Prestes, aquele que nunca traiu: nunca fraquejou; que nunca se acomodou a concessões e nunca aceitou privilégios; aquele que é uma verdade viva, uma coragem onipotente, postas sempre, em todas as circunstâncias e lugares e épocas, ao serviço do povo, da Pátria e do progresso; aquele que só tem compromissos com o povo.

Luiz Carlos Prestes — aquí está uma pequenina, minúscula, parte do grande povo que confia na tua palavra; que espera felicidade e justiça de ti; do povo que, nêste momento, esquece a fome que o atormenta; o frio que o incomoda; as doenças que o corroem; a ignorância que o humilha e lhe embarga o progresso, esquece tudo isso e canta e ri e bate palmas porque está alegre, imensamente, sinceramente alegre com a presença do seu amigo, do seu irmão, do seu guia.

Prestes, aquí estamos todos. Mas, devo falar como Mulher de São Paulo, por isso quero que vejas todas estas cabecinhas das meninas, futuras mulheres, onde os laços de fitas multicores se agitam, e que te dizem: Amanhã quando Anita Leocadia for mulher, nós o também seremos e, com Anita, contaremos aos nossos filhos que o Brasil é uma democracia perfeita porque Luiz Carlos Prestes sofreu e venceu para o nosso futuro. Vê mais! São as mulheres de hoje, que lutam contra a própria timi-

ses organismos será relativamente facil o desmascaramento dos agentes do fascismo, dos demagogos e desordeiros inimigos da união e da democracia.

Na luta pela união nacional precisamos concentrar nossos esforços, antes e acima de tudo, na organização das grandes massas trabalhadoras das cidades e do campo. E' a organização sindical do proletariado urbano e rural o instrumento por excelência capaz de fazer dos assalariados em geral, cidadãos ativos, patriotas concientes e democratas esclarecidos em condições de defender seus interesses de classe e de participar como cabe a todos os cidadãos, homens e mulheres, na vida política da nação. Como já o disse o camarada Browder, é pelo nível de desenvolvimento atingido pelas organizações operárias e pelo grau da sua participação na vida pública que se avalia da vitalidade de qualquer democracia. Não foi por acaso, portanto, que quase se finou em nossa terra o movimento sindical, apesar de toda a majestade arquitetônica de nosso atual Ministério do Trabalho. Sim, porque sem liberdade não é possível nenhuma organização sindical, nem nada valem todas as leis mais ou menos tutelares e patriarcais de um Estado — providências sob o domínio, como não pode deixar de ser no regime capitalista, da burguesia e dos grandes proprietários, para não falar dos agentes do capital estrangeiro sempre tão influentes nos paises dependentes como o nosso. Lutar por isso pela liberdade sindical é o primeiro passo para lutar pela realização efetiva do que há de positivo na vasta legislação trabalhista dos últimos tempos, mas é também lutar pelo revigoramento da organização sindical, abrindo às grandes massas operárias, ainda desorganizadas e céticas, novas perspectivas — a esperança de que os sindicatos voltem realmente a ser seus e que nêles possam livremente dizer o que pensam e livremente lutar pelos seus interesses de classe, pela melhoria das condições de trabalho e do nível de vida dos trabalhadores, o que significa, na verdade, lutar pela democracia e pelo progresso.

E' através do movimento sindical que surgirão os verdadeiros líderes operários, os grandes chefes do proletariado paulista que os reacionários sempre procuraram evitar que aparecessem.

E, simultâneamente, todos os esforços devem ser feitos para unificar o movimento sindical de todo o país, porque só assim nacionalmente unida poderá a classe operária exercer o seu grande papel de fôrça dirigente dos acontecimentos, efetivamente capaz de acelerar a marcha para a democracia e a liberdade. Imensa por isso é a tarefa do Movimento Unificador dos Trabalhadores na educação democrática do proletariado, no estímulo a organização sindical, na luta pela liberdade sindical, na ampliação em escala regional e nacional do apoio sempre necessário às lutas de cada setor de trabalho por suas reivindicações justas, levando tudo, pela própria prática da solidariedade operária, ao grande e definitivo organismo nacional da classe operária, à *Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil*, organização máxima do proletariado defensora de seus direitos, coluna vertebral do movimento de união nacional e através da qual se possa ligar o movimento trabalhista brasileiro com a classe operária do Continente e de todo mundo.

Na luta pela sindicalização em massa não podemos esquecer os milhares de operários ainda privados do direito de organização, especialmente ferroviários e marítimos das emprêsas estatais e paraestatais, que merecem todo o nosso apoio, na certeza de que suas justas reivindicações serão em breve vencedoras, como resultado da própria marcha para democracia no país e do vigor cada dia maior do grande *Movimento Unificador dos Trabalhadores*.

Particular atenção será preciso dar igualmente à organização sindical dos assalariados agrícolas e, simultaneamente, não poupar esforços na organização das grandes massas camponesas, colonos, moradores, agregados, meieiros, etc., que representam a grande maioria de nossa população rural e sertaneja. Através da luta pelas reivindicações mais sentidas será possivel unir em organis-

mos os mais diversos — clubes, associações ou ligas camponesas — as grandes massas de trabalhadores rurais, desde os sitiantes e pequenos proprietários, mais ou menos abastados, ou arrendatários capitalistas, mais ou menos independentes, até aquela maioria, a mais miserável, explorada e oprimida de tôda a população do país, constituida pelos agregados, colonos, moradores, meieiros, posteiros, vaqueiros, peões de estância e trabalhadores do eito. Sabemos que não será facil fazer chegar a essas grandes massas rurais, em geral analfabetas, a palavra esclarecedora do proletariado mais avançado e que é tarefa das mais árduas conseguir entrar nas grandes fazendas semi-feudais para despertar e organizar os servos da gleba, mas é essa a nossa obrigação, é essa a missão do proletariado, e, isto, não só de um ponto de vista patriótico e humanitário, mas igualmente no da defesa dos seus interêsses mais imediatos, porque é abusando da miséria e ignorância das grandes massas camponesas, que tão impiedosamente exploram, que nos momentos de crise e de luta descarada por seus privilégios conseguem as classes dominantes os soldados e policiais que atiram contra o proletariado mais esclarecido, democráta e progressista.

E da grande massa camponesa passamos naturalmente à juventude, constituida ela própria na sua grande maioria em nossa terra, de camponeses, os mais brutalmente explorados e oprimidos, ao mesmo tempo que são os jovens camponeses de todos os nossos jovens, os que são criados na mais negra miséria e ignorância, sem nenhuma perspectiva de melhores dias. Mas mesmo no seu conjunto é bem triste na verdade a situação da nossa juventude, miserável, doente e ignorante, incapaz fisicamente, em proporção nunca inferior a 60 por cento, para o serviço militar, de nossa pátria. Desejamos realmente influir na vida política da nação e encaminhar nossa pátria pelo caminho do progresso e da democracia, mas para isso, precisamos dar uma especial atenção à juventude trabalhadora e estudantil.

O nosso Partido é de fato o defensor mais consequente de suas reivindicações; procurará orientá-la e ajudá-la em tôdas as suas lutas.

Lutamos e lutaremos pela União Nacional, pela organização do povo em amplos Comités Democráticos Populares, seguros de que só assim progrediremos no caminho da democracia e conseguiremos acabar com os restos ainda ameaçadores do fascismo e da quinta-coluna em nossa terra. O governo vem há muito cedendo no sentido da democracia e marcha por isso em sentido inverso daquele por que levava o país nos anos anteriores à grande guerra pela independência e libertação dos povos. Se naquela época soubemos empunhar armas em defesa da democracia, agora também a defenderemos apoiando o governo em defesa da ordem e desmascarando sem vacilações os agentes da desordem, todos aqueles que pregam os golpes "salvadores" ou a guerra civil, falando em democracia, mas que não passam na verdade de instrumentos da provocação fascista.

Como democratas sinceros o que desejamos é chegar através da união nacional à verdadeira democracia, antes e acima de tudo a uma assembléia Constituinte, em que os verdadeiros representantes do povo, apoiados pelo povo organizado, possam livremente discutir a Carta Constitucional que reclama a nação.

Mas a ordem e a tranquilidade de que necessitamos para chegar efetivamente a eleições livres e honestas não depende só de nós, da política dos comunistas e da atividade patriótica dos Comités Populares. Depende igualmente da atitude das demais correntes políticas e muito especialmente da atividade governamental, da rapidez, coragem e audácia com que souber marchar o governo para a frente no caminho da democracia. Mas para tanto, torna-se cada dia mais urgente afastar do governo reacionários e fascistas notórios, chamar ao poder homens de real prestigio popular, que compreendam o povo e saibam e possam falar com o povo. Problemas imediatos como o da inflação estão à exigir solução que só um governo de confiança nacional, um governo prestigiado, forte do apoio popular mais amplo, lhe poderá dar. Mas é necessário também um governo de ampla base social para remover sem maior demora os restos caducos de uma legislação reacionária que

dez e o preconceito alheio; são as que, dos afazeres domésticos roubam alguns minutos para estudar política e sociologia; as que deixam algum baile ou passeio para buscar, nas bibliotecas, o livro que lhes fale sobre democracia. São, enfim, todas as que compreendem o seu valor e querem aproveitar êsse valor não para a conquista de um homem mas, para a conquista da perfeição das gerações futuras. São as mulheres operárias que, não podendo estudar nem sacrificar passeios e bailes, levantam-se resolutas e afirmam: Lutaremos trabalhando. Eis, também, Prestes, as mulheres que nunca teriam coragem para arrostar a multidão e que, deixando o seu cantinho, trêfegas mas, animosas vieram ver-te e ouvir-te. São as velhinhas, aquelas cuja cabeça tremula e prateada, brilham em todos os recantos do Pacaembú. São elas que, erguendo a mão enrugada pelo trabalho rude ou pelo tempo implacavel, sorriem para dizer-te: Nós te entregamos o futuro; sê bendito, filho querido, sê feliz. Sê feliz bendito Aventureiro, que pregas o Amor e a Paz; que praticas a Fraternidade; que sabes perdoar porque teu coração dilatado pela dor sabe que o odio destrói e só o amor é divino e construtivo.

Prestes, ouve, agora, a voz das mães; elas querem, que no desfile do povo, vejas os seus filhos que regressaram da vitória, por haverem esmagado o nazi-nipo-integral-fascismo, sofrendo, morrendo, vencendo, pela Democracia. As mães dos heróis vivos e dos imortalizados, querem que os vejas. Só a glória tem o direito de dizer ao povo: Curva-te, que os vencedores de Castel Nuovo e

Monte Castelo vão desfilar. Aí está o "pracinha" da admirável F. E. B., empunhando, numa das mãos o seu violão e na outra, o fuzil eficiente; o soldado brasileiro que nunca recuou e sempre venceu: o marujo corajoso sobrevivente dos combates navais — Baependy — Anibal Benévolo — Araraquara; aí estão os aviadores vigilantes de Natal e os destemidos soldados da F. A. B. que, sobrevoando os Apeninos, e "sertando a pua", limparam os céus dos abutres nazistas. Aí estão as enfermeiras — mulheres que souberam vencer a morte para que a Liberdade possa viver.

Ouviste, aquí, Prestes, ao entrar teu carro no Pacaembú, as notas que reproduziram os 3 tiros e, depois mais um — de Copacabana? Foi Siqueira Campos, o companheiro da Coluna que veio te saudar com o V sonóro da Vitória.

Prestes, aquí está a saudação da Mulher, em São Paulo. Não teve afirmações políticas nem explanações de internacionalismo. Não revelou conhecimentos sociológicos nem termos varonis. Mas nós, as mulheres de São Paulo, afirmamos, neste momento histórico, inolvidável e transcendente: Luiz Carlos Prestes — para a unidade nacional; para a elevação dos Brasileiros, para a pacificação e a ordem; para a democratização do Brasil; para o total, profundo, justo arrazamento do nazi-nipo-integral-fascismo, em qualquer setor e para qualquer sacrifício, podes, Luiz Carlos Prestes, contar com a colaboração sincera, eficiente, fraternal, da Mulher Brasileira.

ainda envenena o ambiente e serve de pretexto à agitação fascista; um governo capaz de tomar medidas mais práticas contra a quinta coluna e a reorganização integralista, um governo que por sua própria composição inspire confiança e não possa deixar dúvidas quanto à realização de eleições livres e honestas na data já marcada; um governo, enfim, que inspire confiança e não deixe dúvidas quanto à sinceridade com que prosseguirá, sem retrocessos, no caminho da democracia.

No momento atual ainda mobilizamos nosso Partido para a grande batalha eleitoral que se avizinha. Lutamos e lutaremos pela União Nacional e estaremos por isso dispostos a marchar com todos os democratas e anti-fascistas que aceitem um programa mínimo capaz de assegurar o progresso do Brasil e o bem estar de nosso povo.

Infelizmente, as velhas e péssimas tradições de uma politicagem sem princípios, em que os interesses e as paixões pessoais predominam sôbre os grandes e superiores interesses do povo e da democracia, juntamente com os preceitos reacionários da Carta de 1937 e do Ato Adicional n. 9, colocaram em péssimas bases o atual problema eleitoral, em especial o da eleição presidencial.

Nas duas agremiações políticas ainda em processo de organização por traz dos nomes dos dois generais candidatos há sem dúvida forças sociais e políticas das mais variadas tendências, não sendo por isso dificil prever que com o correr do tempo se processem modificações nas duas agremiações, marchando os mais reacionários para um lado e vindo as forças democráticas para o centro de atração cada dia mais forte constituido pelo nosso Partido e os Comités Populares em formação.

De nossa parte prosseguiremos sem vacilações na organização do proletariado e do povo e tudo faremos para unificar as mais amplas camadas sociais, visando, antes e acima de tudo levar ao Parlamento a que se refere o Ato Adicional n. 9, ou à Assembléia Constituinte que preferimos, o maior número possível de genuinos representantes, do povo, capazes de defender a democracia, de trabalhar eficientemente pela legislação progressista que reclama a Nação e de fazer da tribuna parlamentar uma trincheira anti-fascista de onde sejam desmascarados definitivamente os inimigos do povo e acusados sem peias os traidores da Pátria.

E é por isso que, mesmo sem haver ainda tomado posição na questão das eleições presidenciais, que no pé em que se encontra, como já se tornou bem claro para todos, não interessa ainda ao proletariado nem à grande massa popular, no seio da qual nós, comunistas, vivemos e atuamos; na das eleições parlamentares estamos prontos para, em cada Estado, unir nossas forças às das correntes políticas sinceramente democráticas e progressistas e a marchar juntos com todos os chefes políticos anti-fascistas e de prestígio popular, independentemente da posição que assumam ou tenham tomado no terreno das eleições presidenciais.

Organizemos, pois, o nosso povo, especialmente as grandes massas trabalhadoras das cidades e do campo e, fazendo uso das grandes armas da democracia — livre discussão, livre associação política e sufrágio universal — marchemos com confiança e audacia para a frente, sempre prontos a esclarecer e educar politicamente o povo, a desmascarar e derrotar definitivamente seus inimigos trotskistas, fascistas e quinta-colunistas, sem esquecer jamais a afirmação do grande Stalin de que em política, para não nos equivocarmos, devemos olhar para diante e não para trás, não para o passado, mas para o porvir o futuro que nos cabe construir com os materiais de que dispomos, com as fôrças que efetivamente possuimos e na base da realidade econômica, social e política de nossa terra e do mundo. E' o que nós, comunistas, havemos de fazer. Havemos de fazer com o apoio do povo e, mais particularmente, com o proletariado de São Paulo.

Salve! Povo de São Paulo!

Viva o Brasil livre, unido, democráta e progressista!

A Pablo Neruda no Rio

Discurso de RUSSILDO MAGALHÃES

Camarada Pablo Neruda!
Exmo. sr. Embaixador do Chile!
Exmas. autoridades!
Minhas sensoras e meus senhores!
¡Companheiros e companheiras do Partido Comunista do Brasil!

O povo carioca tem hoje o seu grande dia. Vai finalmente ouvir a mensagem que o maior poeta vivo da América lhe trás dos longinquos rincões da terra chilena, do alto dos Andes, como do fundo das minas.

Mensagem de um povo amigo, de um povo irmão, mensagem de todos os trabalhadores de seu país, dos mineiros, dos marinheiros, dos pedreiros, dos camponeses, dos intelectuaisc, enfim de todos, desde os que trabalham com a foice, até os que trabalham com a pena.

Mensaagem de um povo, que, tambem como nós, comunga com os ideais de democracia e progresso; que vibrou com as vitórias aliadas; encontrou estímulo nas grandes vitórias do Exército Vermelho; forma nas fileiras das Nações Unidas; dá o melhor de seus esforços para manter a paz e a unidade dos povos; e que, tambem como nós, acompanhou confiante e apoiou a Força Expedicionária Brasileira, representante na Europa do unanime sentimento anti-fascista de todos os povos latino-americaanos.

Mensagem tambem do governo democratico do Chile, que atende aos desejos do povo e permite ao povo pronunciar-se como deseja.

Mensaagem de uma nação de herois, de lutadores e de poetas, mensagem da pátria do libertador O'HIGGINS e de outros lutadores dos paises irmãos do Novo Continente que acenderam a chama da liberdade na América do Sul.

Não estavamos acostumados a ouvir a voz de Pablo Neruda, até que ele atravessou os Andes e veio trazer o abraço do povo chileno ao povo brasileiro, no Comício histórico de Pacaembú, onde, de braços abertos, o povo de S. Paulo iria receber o lider amado — LUIâ CARLOS PRESTES.

Mas já conheciamos Pablo Neruda como poeta e lutador anti-fascista.

Primeiro, o acompanhamos na Espanha Republicana, cujo povo indomaavel resistia aos bandidos de Hitler e Mussolini.

E que arma manejava Neruda? Sua arma era a poesia. Combatia com ela como o soldado com a metralhadora. E a arma era terrivel. Os fascistas a odiavam, porque eram inimigos do belo e porque eram inimigos da cultura. E odiavam mais ainda o que a podia manejar com tanta segurança e eficiência.

Depois vimos Neruda no México. Representav alí diplomaticamente o seu país. Mas o mundo continuava preza das diabolicas maquinações do fascismo que ia em ascenso. Os nazi-fascistas haviam sufocado em sangue a Espanha Republicana. Agora tinham declardo guerra a toda a Humanidade. Haviam agredido nações democráticas e pacíficas. Umas resistiam heroicamente, outras haviam sido derrotadas.

A União Sóviética tambem foi invadida. Milhões de seres humanos lutavam desesperadamente. Forçava-se a unidade dos povos indispensavel para a derrota do nazi-fascismo. Todos os homens que ainda acreditavam na liberdade e nos direitos humanos lutavam com as armas que tinham. Os exercitos aliados aquí, alí os guerrilheiros soviéticos, os chineses, os iugoslavos de Tito, os "maquís", os "partiggiani". Os trabalhadores na retaguarda, as mulheres, as crianças, os velhos, os jovens.

Era a humanidade inteira agitando-se pelo que tinha de mais puro e honrado. Os intelectuais que não se encerravam em si mesmos e que não fugiram do povo tambem lutavam. havia muitos, porque os que preferiam colaborar com o nazismo e colocar sua inteligência a serviço dos piores inimigos da cultura e da dignidade humana só poderiam constituir uma infima minoria.

Muitos intelectuais foram para a linha de frente. Eraam correspondentes de guerra e contavam paara o povo que combatia na retaguarda o que eram os combates nos campos de batalha e esclareciam o sentido da luta contra o fascismo. Empunhavam a pena e empunhavam o fuzil.

Es entre os maiores no combate ao fascismo estava Pablo Neruda. Lutava longe dos campos de batalha mas lutava duramente. Sua metralhadora não era de aço, mas vomitava fogo contra o nazi-fascismo. Era uma arma perigosissima, que desmoralizava o inimigo e o desesperava porque não tinha arma igual que pudesse combatê-la. Pablo Neruda usava poesia como arma. Era esta a sua metralhadora. Pablo Neruda fazia poesia para o povo, combatia com o povo, enfrentava o fascjismo, ajudava a esmagá-lo.

Quando os nazistas avançavam sobre Stalingrado, o mundo inteiro suspenso tinha os olhos fitos na capital do Volga. E só respirou aliviado ao ouvir maais uma uma vez o grito de guerra "Morte ao invasor aalemão", e ao ver a besta-féra nazista recuar sangrando.

Um dos combatentes de Stalingrado era Pablo Neruda, apenas com a diferença que não combateu dentro de Stalingrado, nem mesmo dentro da União Soviética. Combateu onde estava, no México, empunhando a mesma arma, a mesma metralhadora, a poesia.

Todos nós conhecemos o seu maravilhoso canto a Stalingrado, verdadeira apoteose à "Cidade de Aço" túmulo do nazismo.

Por tudo isso o Brasil conhecia Pablo Neruda. Mas igualmente o conheciamos porque a sua poesia, que estava presente na guerra contra o hitlerismo, como estivera presente na luta do povo espanhou contra o agressor nazi-fascista, estava presente tambem na luta contra o fascsmo dentro do Brasil.

E' que além de todos os seus títulos, Neruda elevo usua vóz, que é a grande voz do povo chileno, pela liberdade de Prestes. Assistiu os últimos instantes da "Madre Heroica", Leocádia Prestes. Afagou os cabelos da inocente Anita Leocadia.

Não era somente o sentimento humano de um poeta do povo que

o levava a solidarizar-se com a dor do filho preso que não podia assistir aos últimos momentos da mãe extremecida, beijar filhinha amada e abraçar a irmã, ou da mãe saudosa que sentia a morte sem poder ver pela última vez o filho, por cuja liberdade havia dedicado os últimos anos de sua vida de heroina e patriota brasileira.

Eram tambem o sentimento do homem que ama a liberdade, o progresso, a cultura, e que se revolta diante da monstruosidade do fascismo.

Neruda fez mais ainda. Pelas suas atividades contra a barbárie fascista e pela visita cordial que nos faz, juntou ao nome do Brasil os nomes de três nações que nos são muito caras. Ligou por laços que não serão quebrados jamais os mesmos sentimentos de três povos latinos ao povo brasileiro.

Primeiro, a Espanha Republicana, onde Neruda, com a arma predileta da poesia, lutou ao lado do povo espanhol, o primeiro a levantar sua voz pela liberdaade de Prestes e seus cömpanheiros anti-fascistas e comunistas, através da moção enviada em 1936 ao governo brasileiro pela Camara dos Deputados daquele país.

Depois o Chile, sua terra natal, berço do poeta que exaltou Luiz Carlos Prestes e lutou, assim, pela democracia em nossa Pátria.

E em seguida o México, que abrigou Leocadia Prestes, acompanhou e estimulou suaas lutas pe liberdade do filho, e hospeda generosamente Anita Leocadia e Lygia Prestes.

México, terra de Cardenas e de Lombardo Toledaano, terra de um povo que trata como seus melhores filhos os filhos do povo brasileiro.

Meus amigos e meus camaradas !

Prometamos não esquecer nunca a solidariedade desses três povos irmãos.

E que para resgatar tamanhas dividas de gratidão, comecemos por prestar nossa solidariedade ao povo espanhol, pedindo ao nosso governo rutura de relações com otirano Franco, que sufoca a democracia na Espanha.

E' sinal dos novos tempos que esteja a saudar o poeta Pablo Neruda um operário comunistaa, membro do glorioso Partido Comunista do Brasil.

Isso pode parecer espantoso aos inimigos da democracia, ao sreacionários e todos os matizes e mesmo a certos intelectuais que ainda não tiveram coraagem de beber a inspiração de sua arte nas fontes do povo. Mais espantoso ainda poderá parecer a essa gente o fato do poeta Pablo Neruda ser tambem Senador em seu país. E' que uma coisa não se separa da outra, quando o poeta é do povo e o Senador tambem o é.

Mas, não estamos saudando tão somente um poeta e senador. Estamos saudando tambem um camaraada.

Pablo Neruda, poeta e Senador Chileno, é membro de um Partido irmão, que respeitamos e admiramos, o glorioso Partido Comunista do Chile.

Como intelectual comunista, Pablo Neruda é um iintelectual de novo tipo. Sua inspiração é tirada ao contato sadio do povo, de seus sofrimentos, de seus anseios e de suas lutas. Ele não se isola do convivio com as grandes massaas traabalhadoras. Por isso sua arte é viva e emociona. O povo a compreende e a procura, porque nela se revê e nela se educa.

A poesia de Neruda é a poesia das massas, a poesia que investe contra o fascismo. A poesia que pode ser afixada nos muros, como sucedeu no México, para escandalo dos poetas empoeirados de gabinete, temerosos da aproximação do povo.

A arte de Neruda é a arte a serviço do povo, a arte como nós comunistas a compreendemos, como a desejamos, como a realizamos. A arte que ajuda a marcha paaciifca para a democracia e o progresso, a arte que educa politicamente, que tem vibração, que é eterna porque vem do povo e vai para o vo.

Entretanto o Partido Comunista do Brasil não acha que semelhante arte seja previlégio dos comunistas.

Em outras épocas tivemos artistas que souberaam colocar-se à altura dos anseios das massas e encarnaaram suas aspirações. Um exemplo que não será demais repetir no terreno da poesia é o de Castro Alves, cuja arte foi colocada a serviço da emancipação dos escravos e é perfeitamente compreendida pelo povo.

Modernamente, a parte mais avançada e honesta de nossa intelectualidade, que já conta no Brasil com nomes de real valor intimamente ligados ao povo, vem em nossa Pátria realizando uma obra notavel nesse sentido, cabendo aquí destacar o conteúdo popular dessa nova arte, produto de um mundo novo, de onde o fascismo, derrotado militarmente, será enfim varrido moral e politicamente.

Neruda é um exemplo para os artistaas da nova geração, exemplo que o nosso Partido desejaria sinceramente fosse imitado.

Mas, meus senhores e meus amigos, eu não quero mais roubar o vosso tempo.

Silencio ! O povo do Chile vai falar pelo boca de Neruda.

LIVROS

HISTÓRIA DA FILOSOFIA — Escrito por Historiadores de Filosofia da Academia de Ciências da U.R.S.S., sob a direção do Professor A. V. Shcheglov — Editorial Vitoria Limitada — A importância do aparecimento dêsse trabalho em língua portuguesa tem um amplo significado. Os estudiosos da Filosofia no Brasil não podiam encontrar um compêndio em nossa língua que pudesse desenvolver a verdadeira evolução científica até nossos dias. As nossas deficiências editoriais sempre se fizeram sentir principalmente para uma disciplina que não consegue ser ministrada no Brasil em dialética adequada. Só à luz do marxismo é possível adquirir conhecimentos científicos sem mistificações metafísicas e conclusões abstratas. O trabalho dos cientistas soviéticos se desenvolve em linguagem acessível e vem provar como a Filosofia é imprescendivel à cultura de um povo. Como na Filosofia seria interessante que fossem editados no Brasil trabalhos referentes à iniciação de outras ciências — a Física e a Matemática, por exemplo, afim de que fossem atendidos de maneira eficiente os nossos ideais de cultura. O livro que indicamos nesta nota aos interessados pela cultura brasileira deve ser lido e divulgado.

CULTURA SOVIÉTICA — Alexei Tolstoi, Henry A. Sigerist, B. D. Grekov, e outros — Editorial Vitória Limitada — "Cultura Soviética" é um livro que se pode considerar como uma Antologia indispensável ao conhecimento de uma maneira mais geral do desenvolvimento da cultura na pátria do socialismo, trazendo uma série imensa de esclarecimentos ainda bem necessários aos estudiosos do Brasil.

Assim, numa série de conferências, os brasileiros tomam conhecimento dêsde os assuntos que se referem à literatura até os problemas mais importantes de ciências como a Geologia e a Matemática. Trabalho recomendável a um número de leitores bastante amplo.

O POVO E' IMORTAL — Vassili Grossman — Editorial Vitória Limitada — A melhor recomendação dessa novela é ter sido premiada na União Soviética com o "Grande Prêmio Stalin", em 1943. O românce da Rússia Soviética é uma falsa ficção porque de fato, com o homem novo, resultado da revolução, a literatura passou tambem a representar a nova mensagem do novo tipo. Está absolutamente integrada na vida dêsse grande povo e principalmente, para nós brasileiros que vivemos fora dessa realidade, representa alguma coisa de grandiosa e mesmo heróica. "O povo é imortal" significa de verdade a realidade soviética e todo o livro é cortado por frases incisivas como essa, servindo de exemplo: "Como comissário da unidade, proibo-o de pronunciar palavras que, além de serem indignas de um patriota, não se ajustam à verdade objetiva. Está entendido?" Enfim, é um livro desta terrível guerra que tanto massacrou os povos na luta contra o nazismo. A tradução é de Oswaldo Alves, o que por si só representa uma recomendação.

U.R.S.S., UMA NOVA CIVILIZÇÃO — Sidney e Beatrice Webb — Editorial Calvino Limitada — Depois de um grande êxito da edição dessa obra em 5 volumes, a Calvino lança agora uma nova grande edição em 2 volumes. E' um trabalho que tem verdadeiramente a significação de enciclopedia e que surge exatamente numa hora em que o mundo inteiro tem suas vistas voltadas para o país dos soviets. Não foi sem razão que Bernard Shaw apresentou seus autores de maneira entusiasmada e que os leitores brasileiros acorreram para o conhecimento dêsse grande trabalho. O sumário do livro, contendo capítulos como "O homem como cidadão", "O hmem como produtor", "O homem como consumidor", "Orientadores profissionais", "A remodelação do homem", "Produção planejada para o consumo da comunidade", etc., mostra bem o interesse da obra e a tradução assinada por Luiz de Castro Afilhado e Edison G. Dias, afirma a sua idoneidade. Releva ainda anotar a apresentação gráfica do livro, o que muito contribue para enriquecer nossa bibliografia.

TALLEYRAND — Duff Cooper — Companhia Editora Nacional — O "Talleyrand", de Duff Cooper é um livro que cabe perfeitamente entre os grandes trabalhos sôbre política internacional. E' portanto um livro bem oportuno e que vem ilustrar a Seção de Biografias da Coleção do Espírito Moderno. Merece, porém, menção especial a maneira clara com que o autor desenvolve as verdadeiras tragédias de seu personagem central, fazendo ressaltar o momento histórico vivido pelos povos da Europa Ocidental.

Jean Guehenno, um grande escritor da resistência francesa, autor de notáveis obras como "Caliban Parle", "Journal d'un homme de quarant aus", "Jeunesse de la France" e outros e ex-diretor da revista "Europe" e do semanário "Vendredi". Guenhenno esteve entre nós alguns dias, sem que entretanto chegasse a realizar um encontro mais efetivo com o povo brasileiro, voltando, pois, ao seu país sem dar maiores expansões ao seu humanismo.

"MOVIMENTO POPULAR ANTI-INTEGRALISTA"

Com a vitória das Nações Unidas e o esmagamento militar do fascismo nos campos da Europa, elementos da Ação Integralista vêem se articulando em nosso país, procurando assim ressuscitar a organização dos traidores da Pátria como que afrontando os valorosos componentes de nossa gloriosa Força Expedicionária.

O "Movimento Popular Anti-Integralista" em um ambiente de verdadeira coesão, reunirá cidadãos de todos os partidos democráticos, que lado a lado trabalharão com a única finalidade de isolar e exterminar os remanescentes do fascismo indígena que tentam se rearticular, justamente no presente momento em que nossa Pátria caminha para sua redemocratização.